

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**DÉBORA ROCHA DA SILVA**

**“PRETAGOGIA”: VIVÊNCIAS E NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NA  
DOCÊNCIA**

**Bagé  
2024**

**DÉBORA ROCHA DA SILVA**

**“PRETAGOGIA”: VIVÊNCIAS E NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NA  
DOCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Ana Cristina da Silva Rodrigues.

**Bagé  
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S581p Silva, Débora Rocha da

"Pretagogia": vivências e narrativas de mulheres negras na docência / Débora Rocha da Silva.

84 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2024.

"Orientação: Ana Cristina da Silva Rodrigues".

1. Pretagogia. 2. Professoras negras. 3. Experiência de vida. 4. Prática Pedagógica. I. Título

**DÉBORA ROCHA DA SILVA**

**"PRETAGOGIA": VIVÊNCIAS E NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS NA DOCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 27 de março de 2024.

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina da Silva Rodrigues  
Orientadora  
(Unipampa)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Veronice Camargo da Silva  
(UERGS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzana Cavalheiro de Jesus  
(Unipampa)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sátira Pereira Machado  
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **ANA CRISTINA DA SILVA RODRIGUES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 27/03/2024, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Veronice Camargo da Silva, Usuário Externo**, em 01/04/2024, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SUZANA CAVALHEIRO DE JESUS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/05/2024, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SATIRA PEREIRA MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/05/2024, às 15:16, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1403400** e o código CRC **B5C40342**.

---

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais falecidos, a quem agradeço as bases que deram para me tornar a pessoa que sou hoje, à minha querida família, que tanto admiro, à minha orientadora, sem a qual não teria conseguido concluir esta difícil tarefa, aos meus colegas de curso, que assim como eu encerram esta etapa tão sonhada e a todos que fazem parte do Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, a quem fico lisonjeada por dele ter feito parte.

“Nós, mulheres negras, não estamos sozinhas. Temos nossas referências ancestrais. Não precisamos de padrinhos e nem de madrinhas, sobretudo, brancos. São as nossas referências femininas e negras que nos dão força”.

Nilma Lino Gomes

## RESUMO

A presente dissertação busca levantar reflexões acerca das experiências de vida de professoras negras e suas influências na prática pedagógica nos anos iniciais em escolas públicas municipais cidade de Bagé-RS. O referencial teórico ancora-se principalmente em Almeida, 2020; Berth, 2020; Cavalleiro, 2021; Freitas, 2021; Gomes, 1995, 2002, 2005, 2017, 2021; Kilomba, 2019, Petit, 2015, Ribeiro, 2018; entre outros. O percurso metodológico principal se fundamenta na pesquisa qualitativa, investigativa de campo, permeada pelos procedimentos da pesquisa ação com o desenvolvimento do curso de extensão “Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula”. A pesquisa, nesse viés, foi realizada com 08 professoras autodeclaradas negras, participantes do curso, que atuam como regentes nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade de Bagé-RS. Como instrumento de coleta de dados e avaliação do curso de extensão, foram utilizadas as cartas pedagógicas cuja temática para a escrita fundamentou-se nos marcadores de africanidades, base da abordagem metodológica Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores de Sandra Haydeé Petit (2015). A análise das informações foi realizada de acordo com os procedimentos da análise textual discursiva e pode-se constatar que nos trechos retirados das cartas escritas pelas professoras negras, há vários relatos que confirmam a influência de suas experiências de vida nas práticas pedagógicas descritas. Porque isso acontece? Por que não podemos anular nossa cor, nossas origens, quem somos, de onde viemos, nossa cultura e identidade. Acredito que a Pretagogia vem alicerçar a pedagogia antirracista com uma ferramenta de valorização do pertencimento negro vislumbrando novos caminhos e novas realidades para os alunos negros e não negros.

Palavras-Chave: Pretagogia. Professoras negras. Experiência de vida. Prática pedagógica.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to reflect on the life experiences of black female teachers and their influence on pedagogical practice in the early years in municipal public schools in the city of Bagé-RS. The theoretical framework is based mainly on Almeida, 2020; Berth, 2020; Cavalleiro, 2021; Freitas, 2021; Gomes, 1995, 2002, 2005, 2017, 2021; Kilomba, 2019, Petit, 2015, Ribeiro, 2018; among others. The main methodological path is based on qualitative, investigative field research, permeated by action research procedures with the development of the extension course "Pretagogy: building knowledge from the perspective of recognizing and valuing Afro-Brazilian and African history and culture in the classroom". The research was carried out with 08 self-declared black teachers, participants in the course, who work as teachers in the early years of primary education in municipal public schools in the city of Bagé-RS. As an instrument for data collection and evaluation of the extension course, pedagogical letters were used, the theme of which was based on markers of Africanness, the basis of Sandra Haydeé Petit's (2015) Pretagogy Belonging, Afroancestral Body-Dance and African Oral Tradition in Teacher Training methodological approach. The information was analyzed according with the procedures to discursive textual analysis and it can be seen that in the excerpts taken from the letters written by the black teachers, there are several reports that confirm the influence of their life experiences on the pedagogical practices described. Why does it happen? Why can't we cancel our color, our origins, who we are, where we come from, our culture and identity. I believe that Pretagogy supports anti-racist pedagogy with a tool for valuing black belonging, envisioning new paths and new realities for black and non-black students.

Keywords: Pretagogy. Black female teachers. Life experience. Pedagogical practice.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Referencial teórico negro que fundamenta esta Dissertação.....	18
Figura 2- Características de uma Educação Antirracista .....	41
Figura 3 - Organização teórico-metodológica da Pretagogia .....	47
Figura 4- Pretagogia e os Marcadores das africanidades .....	48
Figura 5 – Percurso Metodológico da pesquisa .....	49
Figura 6 - CARD de Divulgação .....	51
Figura 7- Procedimentos da Pesquisa-Ação .....	52
Figura 8 - Detalhamento do Curso de Extensão - Etapas da coleta de dados.....	53
Figura 9– Vivências e Experiências Pretagógicas.....	66

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Os estudos contemporâneos sobre as histórias de vida na prática pedagógica .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1.1</b>	<b>A abordagem da narrativa nesta pesquisa sobre as histórias de vida das professoras negras .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Os imaginários históricos e a constituição da identidade negra feminina no Sul .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.1</b>	<b>A representatividade da mulher negra e os imaginários históricos da luta pelos direitos sociais, políticos e culturais no Brasil .....</b>	<b>32</b>
<b>2.3</b>	<b>Protagonismo negro na escola: formação de professores para as práticas pedagógicas antirracistas .....</b>	<b>36</b>
<b>2.4</b>	<b>Pretagogia: abordagem metodológica, conceitos operatórios, dimensões operacionais e marcadores das africanidades.....</b>	<b>43</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1</b>	<b>Detalhamento dos sujeitos incluídos na pesquisa .....</b>	<b>50</b>
<b>3.2</b>	<b>Organização dos procedimentos para a coleta dos dados .....</b>	<b>51</b>
<b>3.3</b>	<b>Procedimento de análise dos dados .....</b>	<b>55</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>57</b>
<b>4.1</b>	<b>O Perfil das professoras negras que atuam nos anos iniciais e o delineamento de suas experiências no processo de emancipação .....</b>	<b>57</b>
<b>4.2</b>	<b>Educação antirracista: docência, racismo, identidade e práticas pedagógicas .....</b>	<b>61</b>
<b>4.3</b>	<b>A Pretagogia pode ser uma ferramenta pedagógica antirracista na atuação docente em sala de aula .....</b>	<b>65</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>70</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Caros leitores (as), a Mãe-África embala meus sonhos de mulher negra para apresentar esta dissertação e, como uma mãe guerreira iluminará e conduzirá meus caminhos nesta grande jornada. Para Djamilia Ribeiro, oferto o meu “muito obrigada”, saibas que as tuas palavras me dão coragem e força para seguir sempre em frente: “Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa”. (RIBEIRO, 2018, p. 55)

Esta introdução terá como pano de fundo o poema “Corpo-África” da autora Juliana Costa (2016, p. 194). Dessa forma, cada estrofe explana minhas intenções neste estudo:

### **Corpo-África**

*Meu corpo é uma África  
e o mundo, um navio negreiro.  
Enquanto cantos que não entendo  
oscilam dentro de mim,  
eu vejo as atrocidades que ainda não tiveram fim.*

Apoiando-me nestes primeiros versos, conto um pouco sobre a minha trajetória enquanto pesquisadora. O trabalho de conclusão de curso marca meus primeiros passos na busca pela valorização da história dos negros, sendo que, fui a primeira aluna do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Região da Campanha a apresentar um TCC com a temática voltada para a Diversidade Étnico-racial através da pesquisa intitulada “ A captura da equidade étnico-racial através de uma proposta de ensino para a diversidade: uma dívida brasileira gerada pela escravidão” onde busquei analisar as práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da História e Cultura Afro-brasileira no 2ºciclo do ensino fundamental das escolas públicas municipais da cidade de Bagé-RS, situadas na zona Norte, onde resido.

Minhas pesquisas a seguir, nos cursos de especialização que concluí, sempre focaram nas formas de intervenção pedagógica capazes de provocar reflexões e mudanças nas atividades docentes com relação a educação étnico-racial. Trilhei caminhos na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, na Faculdade de Educação São Braz, atualmente, Faculdade Unina e na Faculdade São Luís, com propostas de pesquisas voltadas para os desafios da abordagem étnico-racial no ensino fundamental, diante dos saberes e fazeres na prática pedagógica; os diálogos sobre as relações étnico-raciais na formação docente, analisando as estratégias de combate

ao silêncio pedagógico diante da discriminação racial sob o olhar dos letramentos acadêmicos nos cursos de Pedagogia, em curso ofertados por instituições públicas e privadas, de Bagé;

Desenvolvi, também, como Trabalho de Conclusão de curso na UERGS o artigo intitulado: os valores da equidade afro-brasileira na educação bageense: o cenário das estratégias e políticas de ações afirmativas presentes nos currículos escolares, visando analisar as propostas curriculares desenvolvidas em escolas públicas estaduais de ensino fundamental e médio do município, diante das perspectivas basilares para a efetivação da resolução nº 297/2009, que institui normas complementares a Lei nº10369/2003, a CNE/CP nº03/2004, relativas a implementação das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

Foi um grande desafio, pois a pesquisa foi realizada com supervisores escolares em 10 escolas estaduais localizadas no município. Dessa forma, acredito que estou muito preparada para desenvolver este projeto.

Seguindo a proposta desta introdução, transcrevo a 2º estrofe do poema “Corpo-África”:

*“Vivemos tempos de Lei Áurea” – assim nos dizem  
enquanto socialmente nos constroem  
pelo cabelo crespo que adoramos  
pela coroa simbólica que levantamos  
e se ofendem quando nos amamos.*

De mãos dadas a Joice Berth (2020), afirmo que nós, mulheres negras, devemos lutar contra a insatisfação que nutrimos em nosso interior diante das dificuldades para manter a aparência colonizada, as rejeições do sistema racista que sempre nos vitimaram. Percebam, a necessidade de demarcarmos reflexões sobre os obstáculos nas relações de gênero e pertencimento étnico-racial vivenciados por nós, mulheres negras, no contexto social racista que vivemos no Brasil.

Uma mulher negra pode alisar os cabelos na busca consciente ou inconsciente pela estética europeia que foi cunhada pelo colonizador como aceitável, agradável, desejável. Embora essa deturpação de suas características fenotípicas possa lhe trazer uma sensação de bem-estar diante do espelho, a manutenção deste cabelo exigirá uma série de cuidados, incluindo táticas para que ele passe despercebido pelos outros. E assim ao se deparar com uma mulher branca de cabelos naturalmente lisos jogando-se ao mar sem nenhuma amarra, a frustração irá alimentar o auto ódio

implantado e desenvolvido ao longo da História, mesmo que de forma involuntária. (BERTH, 2020, p. 115)

Em face a este cenário, eu, professora da Educação Básica do Município de Bagé-RS, Mestranda Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa proponho como temática para esta pesquisa, a influência das narrativas das professoras negras na sua prática pedagógica, considerando, como ferramenta teórica, as vivências de Neusa Santos Souza no livro *Tornar-se Negro*, que nos faz refletir sobre a importância de disseminar nossos ensinamentos, pois, ratificamos que nossos passos vêm de longe, em um movimento de resgate de nossos ancestrais.

Concordo com a autora ao defender que é nossa a tarefa de ampliar processos que produzam identificação e laços sociais positivos, promovendo, dessa forma, a transformação pessoal e coletiva, pois “o racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão e persuasão, leva o sujeito negra a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal”. (SOUZA, 2021, p. 29)

Este tema, se originou e se enraizou em mim a ponto de ser levado como proposta do projeto de pesquisa para o ingresso no Mestrado Acadêmico em Ensino da Unipampa, a partir de um acontecimento muito marcante. No primeiro dia de aula em uma escola pública na cidade de Aceguá, cidade distante 60 Km de Bagé, eu professora negra, fui buscar meus alunos na fila e para minha surpresa, uma das minhas alunas gritou em alto e bom som: “Graças a Deus, uma professora negra como eu”. A partir daquele momento, entendi o que é representatividade negra e qual é o papel que nós temos na sociedade, onde uma criança agradece por ter a oportunidade de se enxergar em uma outra, neste caso, uma figura de destaque social, uma professora negra, eu.

Outro momento muito importante foi o encontro mais libertador que já tive, o encontro com a Pretagogia, isto ocorreu através da atividade desenvolvida no componente Produção Científica e Revisão de Literatura. Conheci o trabalho da Sandra Haydée Petit ao desenvolver um Levantamento Sistemático e, não tive dúvidas, a Pretagogia faria e faz parte da minha pesquisa.

Dessa forma, meu estudo está fundamentado metodologicamente na **Pretagogia**, abordagem pedagógica construída por Sandar Haydée Petit através do

livro intitulado *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores*. Assim como na Pretagogia, minha pesquisa se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos da Matriz Africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. “A Pretagogia assume uma postura de transformação quando realiza intervenções pedagógicas que visam contribuir para a mudança de postura, com recurso direcionados para a apropriação da Cosmovisão Africana”. (PETIT, 2015, p. 120)

Nesse contexto, traduzo, através dos versos da 3<sup>o</sup> estrofe deste lindo poema, a justificativa para a pertinência deste trabalho de pesquisa para a Academia, pois, dedico meus esforços a dar o direito ao povo negro de serem reconhecidos na cultura nacional através da valorização da sua história, cultura e, busco legitimar nossa identidade enquanto descendentes de africanos. Nesse sentido, assumo que:

*Meu corpo é uma África  
que ainda grita  
todos os crimes contra sua terra  
e contra sua gente.  
O racismo de nossa era  
vem junto com uma boca sorridente  
que dissimula  
e tudo que é negro anula  
como contribuição social.*

Diante desse cenário, Kabengele Munanga, na obra “*Negritude – Usos e sentidos*”, afirma que a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos, a “*negritude* e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros”. (MUNANGA, 2019, p. 25)

Diante destas proposições, desvelo a problemática da minha pesquisa neste contexto: como as experiências de vida das professoras negras influenciam sua prática pedagógica nos anos iniciais em escolas públicas municipais cidade de Bagé-RS. Entendo, dessa forma, que a força deste estudo ocasionou e continuará provocando profundas transformações na forma de pensar e agir, principalmente, sobre a valorização do pertencimento enquanto sujeito negro, além de propor caminhos que vislumbrem novas realidades para os alunos negros e não negros.

A você, leitor (a), afrodiaspórico como eu, a força que esta última estrofe representa é a mesma força que encontrarás ao ler as páginas desta dissertação. Para aqueles que não se consideram descendentes da Mãe África, quero que este estudo seja significativo, esclarecedor, reflexivo, compreensivo e, sobretudo, que faça despertar a consciência da força, significado e importância da história e cultura do povo negro para você e todos os brasileiros.

*Meu corpo é uma África  
meu Ori vive comigo a resistir  
Já que não podemos mais permitir  
o silêncio a nos chicotear,  
nem os discursos com outros termos a inferiorizar o que somos.*

Juliana Costa. Cadernos Negros (2016)

Assim, reafirmo a necessidade de se levantar reflexões acerca das práticas pedagógicas para a diversidade étnico-racial focando na legitimação das experiências de vida das professoras negras, pois o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam intrinsecamente pelo ambiente escolar e, a luta, minha, tua e de todos os educadores e educadoras é discutir sobre a negritude e, convocar, de forma permanente, portanto, todos os herdeiros dessa condição para se engajarem no processo de reabilitação dos valores das suas civilizações destruídas e das culturas negadas. (MUNANGA, 2019)

Elenquei, para o prosseguimento do estudo, como objetivo geral, identificar e compreender de que forma as experiências de vida das professoras negras influenciam na prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental e, como objetivos específicos:

- Identificar se as professoras negras relacionam sua identidade com as ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula;
- Identificar de que forma o protagonismo negro feminino influencia na formação identitária das professoras;
- Identificar como o racismo estrutural está presente na vivência escolar das professoras;
- Reconhecer como a Pretagogia pode ser uma ferramenta pedagógica antirracista na atuação docente em sala de aula;

O percurso metodológico principal se fundamenta na pesquisa qualitativa, investigativa de campo, permeada pelos procedimentos da pesquisa ação com o desenvolvimento do curso de extensão **“Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula”**. A pesquisa, nesse viés, foi realizada com 08 professoras autodeclaradas negras, participantes do curso, que atuam como regentes nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade de Bagé-RS.

Como instrumento principal de coleta de dados para a pesquisa e de avaliação do curso de extensão, foram utilizadas cartas pedagógicas, cuja temática para a escrita fundamentou-se nos marcadores de africanidades, base da abordagem metodológica Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores de Sandra Haydée Petit. A análise das informações foi realizada de acordo com a Análise textual discursiva à luz do referencial teórico em busca dos objetivos traçados e de resultados que pudessem responder ao problema desta investigação.

Elaborei esta dissertação partir desta introdução, apresentando as informações básicas do estudo (tema, problema, justificativa, objetivo geral, objetivos específicos e metodologia), após, caro (a) leitor (a), encontrará o Referencial teórico estruturado pelos caminhos dos estudos contemporâneos sobre as histórias de vida na prática pedagógica, abordando, neste contexto, o uso da narrativa nas pesquisas sobre as histórias de vida dos professores.

Em consonância, trago fundamentações acerca dos imaginários históricos e a constituição da identidade negra feminina no Sul desvelando concepções histórias de mulheres negras que espelham as diferentes e importantes nuances quando refletimos sobre a trajetória histórico-social neste país, bem como, proponho estratégias na formação de professores que resultem em ações pedagógicas antirracistas assumindo práticas com o olhar para o protagonismo negro na escola, além de apresentar a Pretagogia, abordagem pedagógica de Sandra Haydée Petit que fundamenta o percurso metodológico desta pesquisa. Complemento este estudo com a análise dos resultados e o finalizo com a conclusão, as Referências, os Anexos e os Apêndices.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

As bases teóricas que sustentam esta pesquisa estão alicerçadas diretamente ao objeto deste estudo, a influência das experiências de vida das professoras negras na sua prática pedagógica, buscando desenvolver uma produção acadêmica consistente e reflexiva direcionada à legitimação da histórica e cultura da mulher negra Afrodiaspórica.

Considerando que, para Minayo, a pesquisa é uma atividade fruto da indagação e construção da realidade, busco alinhar essa perspectiva, vinculando à atividade teórica, o pensamento e ação. “As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos” (MINAYO, 2007, p.16)

É necessário evidenciar, neste cenário, os marcos de referência adotados neste trabalho acadêmico, pois apresentar a relevância do estudo é muito importante tanto para o pesquisador quanto para o leitor, pois, precisei, como escritora deste trabalho, definir os autores pertinentes para fundamentá-lo. Neste processo, foi-me demandado a ação de ler uma vasta gama de obras, de forma constante e repetida e, para que você como leitor, possa identificar qual ou quais linhas teóricas este trabalho está inserido, com base nos autores selecionados para esta revisão de literatura (PRODANOV, 2013)

Nesse viés, através das palavras de Lakatos e Marconi, desvelo a finalidade desta pesquisa, esclarecendo que não é apenas um relatório ou descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um estudo com caráter interpretativo, no que se refere aos dados pesquisados e analisados. Portanto, “é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando-se por um modelo teórico que serve de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados”. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 224)

Alinhado a essas proposições, destaco o importante papel do pesquisador na relação pesquisa e teoria nesse processo de construção do referencial teórico. O meu papel como protagonista é evidenciado por Prodanov ao afirmar que “ citar uma série de estudos prévios que servirão como ponto de partida para sua pesquisa, você irá

“afunilando” sua discussão” (PRODANOV, 2013, p. 79). Assim o referencial teórico serve para:

Reconhecer e dar crédito à criação intelectual de outros autores. É uma questão de ética acadêmica; indicar que se qualifica como membro de determinada cultura disciplinar através da familiaridade com a produção de conhecimento prévia na área; abrir um espaço para evidenciar que seu campo de conhecimento já está estabelecido, mas pode e deve receber novas pesquisas; emprestar ao texto uma voz de autoridade intelectual (PRODANOV, 2013, p. 79)

A figura 1, apresenta uma nuvem de palavras formada pelos nomes dos autores negros que fundamentam esta dissertação. São mulheres e homens, autoras e autores que, através das leituras, pude alicerçar com propriedade as minhas referências buscando elucidar como as experiências de vida das professoras pretas influenciam a prática pedagógica nos anos iniciais da rede pública municipal de Bagé, considerando a educação como um mecanismo de fortalecimento das identidades pessoais pluralistas e, acreditando que é através da valorização do nosso pertencimento étnico podemos criar novas realidades para a população negra no Brasil.

Figura 1 - Referencial teórico negro que fundamenta esta Dissertação



Fonte: Autora (2023)

Amparada por Minayo, considero que este aporte teórico constitui o domínio empírico da teoria deste estudo, buscando, a partir do conjunto de proposições

abstratas, explicar a realidade. Teorias, segundo a autora, portanto, são explicações da realidade e cumprem funções muito importantes.

(a) Colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação. (b) Ajudam a levantar questões, a focalizar o problema, as perguntas e a estabelecer hipóteses com mais propriedade. (c) Permitem maior clareza na organização dos dados. (d) E iluminam a análise dos dados, embora não possam direcionar totalmente essa atividade que deve se beneficiar dos achados empíricos, sob pena de anulação da originalidade propiciada pela pergunta inicial. (MINAYO, 2007, p. 18)

Esclareço que as funções do referencial teórico construído nesta pesquisa se fundamenta pela afirmação da autora Djamilia Ribeiro: “como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa” (RIBEIRO, 2018, p. 55). Assim, este estudo, impregnou-se de teorias escritas por autores majoritariamente negros, em sua maioria mulheres, sobre os quais, eu como pesquisadora, fundamentei minha interpretação.

Esclareço, portanto, que o saber da experiência destas mulheres e homens tem propriedade para fundamentar esta Dissertação, pois todos, assim como eu, possuem marcadores africanos em sua pele, alma, história e vida.

## **2.1 Os estudos contemporâneos sobre as histórias de vida na prática pedagógica**

O protagonismo imbricado às vivências das professoras negras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade de Bagé-RS, volta-se, nesta pesquisa, para “a prática de histórias de vida em formação fundamentando-se na ideia de apropriação que o indivíduo faz de sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361).

Segundo Nóvoa (2013), ao longo das últimas décadas, os especialistas da educação têm-se esforçado por racionalizar o ensino, introduzindo modelos racionalistas face à expansão dos sistemas educativos na segunda metade do século XX. Para ele, a crise de identidade dos professores é resultado da imposição colocada na figura do professor separando o pessoal do profissional. O autor faz uma reflexão sobre esse processo:

Recordemos uma data e a publicação de um livro: 1984 – O professor é uma pessoa. Ao escolher este título, na sequência de uma importante reunião internacional, Ada Abraham estava consciente da evidência explosiva que ele encerrava. A viragem tinha-se iniciado. Deste então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal; trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e dos problemáticas da investigação. (NÓVOA, 2013, p. 15)

A minha inspiração para adentrar nas práticas biográficas surgiu da necessidade de buscar novas perspectivas sobre a constituição da identidade das mulheres negras enquanto docentes e, de acordo com Djamila Ribeiro, falar a partir das mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro. “Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos” (RIBEIRO, 2021, p. 34).

Para a autora, ao reivindicar os diferentes pontos de análise e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebe-se que essa marcação se torna necessária para entender a realidade que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. “Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2021, p. 60).

Na visão de Goodson, o estudo sobre as histórias de vida dos professores constitui uma nova maneira de encarar o desenvolvimento do professor, uma maneira que deverá orientar as relações de poder subjacentes às vidas dos professores. “A incidência inicial sobre as vidas dos professores reconceptualizaria, por assim dizer, os nossos estudos sobre escolaridade e currículo” (GOODSON, 2013, p. 75).

Trago as considerações sobre a formação das identidades e subjetividades através das experiências sob o olhar de Marie-Christine Josso, ao propor que os processos de formação se originam do ponto de vista do aprendente, através das interações com outras subjetividades. “O conceito de formação que se enriquece com práticas biográficas, ao longo das quais esse objeto é pensado e ao mesmo tempo como uma história singular” (JOSSO, 2002, p. 28).

Ainda no tocante às histórias de vida como movimento metodológico, Nóvoa afirma que a utilização dessa abordagem é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos

modos de conhecimento científico. “É inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexos extremamente estimulantes e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramento conceituais e metodológicos” (NÓVOA, 2013, p. 19).

Entrelaçado a isso, vislumbro como ponto de solidez desta pesquisa, as reflexões e proposições que permeiam os estudos contemporâneos sobre a formação de professores pelas histórias de vida. Sobre isso, sob o aspecto trazido por Christine Delory-Momberger, diante dos pressupostos epistemológicos e metodológicos, apresentados aqui, proponho associar os formandos (atores da pesquisa, professoras negras) aos processos formativos (metodologia – histórias de vida), considerando, portanto, os sujeitos do projeto, como agentes responsáveis por sua própria formação (auto formação). (DELORY-MOMBERGER, 2006)

Corroborando com minhas bases teóricas, volto as atenções para Nilma Lino Gomes (1995) ao relatar, na obra “As Mulheres Negras que vi de perto”, a trajetória de mulheres negras através de um importante diálogo imbricado por olhares, opiniões, histórias de vida e práticas sociais de um grupo de mulheres formadas por professoras negras atuantes na educação básica. Colocando-me neste cenário retratado pela autora e, associando esses elementos aos aspectos já considerados sobre a abordagem das histórias de vida na pesquisa educacional, desvelo, através das palavras de Gomes, minhas intenções neste projeto de pesquisa:

Aproximar-se da mulher negra e professora é aproximar-nos do campo da educação e da cultura. É aproximarmos da escola, dos valores, dos saberes, das representações e éticas que se aprendem, transmitem e vivenciam na instituição escolar. As mulheres negras e professoras revelam lembranças de atitudes racistas na sua infância, na rua, na escola, na vida profissional. Mas como interpretam? Como preconceito? Como discriminação racial? Como atitudes inatas? Ou construídas historicamente? (GOMES, 1995, p. 58)

Para a autora, narrar a trajetória escolar das professoras negras é narrar a própria trajetória das mulheres negras, neste processo complexo, este estudo propõe reafirmar a importância da discussão sobre a questão racial e como esse tema assume seu papel na vida pessoal e profissional de nós mulheres, professoras pretas e o quanto se faz necessário discuti-los na escola. (GOMES, 1995)

É profundamente necessário para estas reflexões, as afirmações de Djamila Ribeiro na obra Lugar de Fala quando a autora afirma que as experiências dos grupos localizado socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as

produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. A questão para a autora é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções, pois essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse certos espaços, assim, Djamila Ribeiro nos convida a refletir:

Quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantos professores ou professoras negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações dos países, ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (RIBEIRO, 2021, p. 63)

Concordo com Goodson, sobre a surpreendente e injusta a invisibilidade da vida docente: “durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes” (GOODSON, 2013, p. 71). Para o autor, a investigação educacional qualitativa permite ouvir o que o professor tem para dizer, respeitar e tratar os dados que o professor introduz nas narrativas.

Apoiado nestes aportes teóricos, pretendo evidenciar a importância dos estudos autobiográficos e, principalmente, ouvir a voz das professoras pretas a partir das narrativas como ferramentas de abordagem nas aprendizagens pelas experiências vivenciadas.

### 2.1.1 A abordagem da narrativa nesta pesquisa sobre as histórias de vida das professoras negras

Este estudo se constitui na crença teórica que as abordagens das aprendizagens experienciais por meio de narrativas de formação servem de materiais para compreender os processos de formação de conhecimento. De acordo com Josso, “as recordações-referenciais significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais e uma dimensão invisível, que apela para as emoções, sentimentos, sentidos ou valores” (JOSSO, 2002, p. 29)

Ao considerar a percepção da narrativa na proposição assumida por Souza e Cabral, defendendo a perspectiva da tessitura da narrativa a partir da ação e reação das

professoras negras, sujeitos da minha pesquisa. Torna-se, portanto, relevante para o contexto de formação, objetivo metodológico adotado neste estudo, a concepção da professora preta da escola pública como narradora-personagem-escritora de histórias, ponto principal na situação de formação, característica essencial da pesquisa ação, proposta do curso - Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula.

Nesse sentido, acredito que as histórias de vida das professoras negras têm lugar na narrativa, pois agrego esta proposta às concepções de recordação-referência de Josso considerando as experiências de formação:

São as experiências que posso utilizar como ilustrações para descrever uma transformação, um estado das coisas, um complexo efetivo, uma ideia, mas também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou em encontro que são contadas em uma história, uma história que me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade. (JOSSO, 2002, p. 29)

Portanto, este estudo assumirá a luta pela utilização das palavras, para valorizar os diferentes saberes constituídos pelas experiências ao longo da vida das professoras negras, assumindo suas vivências, correlacionado com as palavras. Neste estudo, oportunizarei, através de ações metodológicas dirigidas, ferramentas para que o grupo de pesquisa se utilize das palavras para nomear quem são, o que fazem, o que pensam, o que percebem e o que sentem. Certamente, ao final desta pesquisa perceberemos que os resultados serão, como Larrosa Bondía afirma, “ mais do que simplesmente palavras” (LARROSA BONDÍA, 2002, p.21).

Corroborando com essas percepções, a colocação de Djamila Ribeiro é essencial para que possamos compreender o poder das palavras nesta proposta de estudo: “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir” (RIBEIRO, 2021, p. 64). Penso assim como a autora que ao dar o lugar de fala às professoras pretas, assim, proporei uma mudança no *locus* da historiografia tradicional e a hierarquização dos saberes refutando consequentemente a hierarquização social.

A opção pelo relato de formação nas dimensões da reapropriação de sua história, como já abordei nesta fundamentação teórica, converge a maior parte das

formações pelas histórias de vida e da identidade (pesquisar, reconhecer, encontrar) retomando a dimensão de temporalidade (reconhecer-se em uma história) complementada pela unificação: (DELORY-MAMBERGER, 2006)

- Reapropriação: hipótese que há uma história de vida e que esta tem um sentido. O sentido já possui o seu lugar e a tarefa da formação consiste em reencontrar, por trás ou sob aquilo que o dissimula ou o impede de vir à tona. (DELORY-MAMBERGER, 2006)

- Identidade: é concebida como aquilo que é próprio de um ser, que forma um consigo próprio no tempo e no espaço, que integrou a diversidade de seus pertencimentos, resolveu suas disparidades, encontrou o princípio de sua unificação e perseguiu a realização de seu ser unificado, no curso do caminho em que ele reconheceu seu traço. (DELORY-MAMBERGER, 2006)

Diante disso, reconhece-se a vinculação da tradição oral com o fortalecimento da escrita, pois faz com que as palavras sejam viabilizadas através da ação. Nesse processo, fundamento minhas percepções nos estudos de Maria Goreti da Silva Souza e Carmen Lúcia de Oliveira Cabral ao fomentarem a utilização da narrativa como forma de investigação metodológica, “ a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo” (SOUZA; CABRAL, 2015, p. 150)

De acordo com Sandra Haydée Petit as sociedades de tradição oral, como são as africanas, são consideradas inferiores às sociedades ocidentais modernas por não darem precedência à escrita e ao livro como veículos do saber e da herança cultura. Para a autora, a literatura oral africana sofre preconceito quando a caracterizam como sem originalidade, imaginação e estética ao compará-la com a literatura escrita, porém, Petit afirma que “isso acontece por falta de conhecimento das formas mais elaboradas da literatura na África” (PETIT, 2015, p.110)

Nesse sentido, é essencial considerar que o principal papel na narrativa é do intérprete, pois assume a missão de extrair o significado dos constituintes da narrativa no todo de um enredo, o qual, por sua vez, deve ser extraído da sucessão de eventos. Evidencia-se, a constituição da unidade narrativa por vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas. (SOUZA; CABRAL, 2015)

Seguindo essa perspectiva e reafirmando o propósito da Pretagogia como principal referência para este estudo, busco em Sandra Haydée Petit o pilar para abraçar a prática da tradição oral africana relacionando-a com as manifestações culturais brasileiras, identificando as características comuns às africanidades. Penso, assim como a autora, que primeiramente devemos conhecer o que é a tradição oral na fonte, pois, nós afrodiáspóricos, desconhecemos as nossas origens africanas, apesar das inúmeras manifestações dessa tradição nos mais diversos eventos e espaços culturais. (PETIT, 2015)

Traço paralelamente, percepções sobre o saber de experiência e como este contexto se relaciona com o conhecimento e a vida humana. Concordo com Larrosa Bondía quando o mesmo afirma que a experiência é uma espécie de mediação entre ambos, pois a experiência se entrelaça com o experimentar, que se prova. “A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 25).

Em consonância com Delory-Momberger (2006), proponho situarmos o espaço destinado a narrativa no processo de construção da história de vida e da enunciação-formação do sujeito. Para a autora, a narrativa não desvela os acontecimentos singulares da vida de quem narra, mas são as palavras que recontam os fatos.

A vida recontada não é a vida. Essa constatação tão simples e, ao mesmo tempo, tão difícil de se compreender, tão forte é a ilusão do realismo da linguagem, merece ser constantemente lembrada. Nenhuma prática de formação pode pretender reconstituir por si só o que seria o curso factual e objetivo do vivido; o ‘objeto’ sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas histórias de vida não é, portanto, ‘a vida’, mas as construções narrativas que os participantes do grupo de formação elaboram, pela fala ou pela escrita, quando são convidados a contar suas vidas. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 362)

É necessário refletir, a partir dessas proposições, o desafio de repensar a própria trajetória de vida, quando se explica como os movimentos de renovação pedagógica estão conectados com as experiências de mudanças sociais e culturais presentes em nossa sociedade. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial passa pela escola, onde observa-se ação do racismo se dá principalmente pelo

discurso, assim o Movimento Negro nos traz uma importante contribuição na medida em que atua em um ponto muito estratégico, o nosso lugar de fala. (GOMES, 1995)

Elegi, neste processo, as cartas pedagógicas como instrumento balizador das narrativas que serão apresentadas neste estudo. De acordo com Ana Lucia Freitas, a produção escrita por meio de Cartas Pedagógicas constitui um convite para dizer sua palavra e representa um desafio às autorias no percurso de ensinar e de aprender e a essa experiência constitui uma prática fecunda cuja produção de dados permite a investigação sobre o ensino. (FREITAS, 2021)

Nesta pesquisa, as cartas pedagógicas reuniram informações/dados que fomentaram respostas ao problema deste estudo. Você leitor (a), poderá entender melhor esta proposta no Capítulo 3, o qual apresenta a Metodologia, porém, é necessário desvelar que, o grupo de estudo formado por professoras negras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, foram incentivadas a adotar a prática de escrever Cartas Pedagógicas.

De mãos dadas com Paulo Freire (2000) proponho, portanto, que compreendas o papel da Cartas Pedagógicas neste estudo, diante, na visão do mestre, da arrogância do cientificismo, busca-se, na transparência das cartas, propor a abertura do diálogo e o gosto da convivência como o diferente. O autor explica suas proposições ao afirmar que:

O processo da experiência da leitura das cartas, o leitor ou leitora pudesse ir percebendo que a possibilidade do diálogo com o seu autor se achar nelas mesmas, na maneira curiosa com que o autor as descreve, aberto a dúvida e a crítica. É possível até que jamais o leitor venha a ter um encontro pessoal com o autor. O fundamental é que fiquem claras a legitimidade e a aceitação de posições diferentes em face do mundo. Aceitação respeitosa. (FREIRE, 2000, p. 20)

Dessa forma, eu pesquisadora e professora negra atuante na educação básica no município de Bagé-RS, afirmo que o encontro com a “Pretagogia” reascendeu a chama da Mãe África em minha alma, pois considero que as minhas vivências, enquanto mulher e professora negra, não foram materializadas, registradas, historicizadas, refletidas, discutidas e legitimadas, pois afirmo que as narrativas das experiências vivenciadas por professoras negras tiveram e terão sua importância social legitimada, tornando-se produto histórico ao serem registradas por meio de cartas pedagógicas.

## 2.2 Os imaginários históricos e a constituição da identidade negra feminina no Sul

Juntando-se a mim, descrevo minha companheira, Conceição Evaristo, como uma mulher negra, escritora, mãe, entre tantas outras personificações. Esta grande autora orienta-me a pensar a Escrivivência como um fenômeno diaspórico e universal. Segundo ela, escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. “E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais” (EVARISTO, 2020, p. 30).

Para Conceição, nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. “E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si” (EVARISTO, 2020, p. 35).

Impregnada por Conceição Evaristo, transcrevo, de diferentes obras, histórias de mulheres negras que, neste estudo, espelham as diferentes e importantes nuances quando refletimos sobre a nossa trajetória histórico-social neste país. Escolhi como objeto reflexivo, as vivências de mulheres negras, personagens reais e, entrelaçado a isso, proponho nos autoquestionar sobre o passado e a forma como produzimos o autoconhecimento e a autorreflexão advindo dele.

Sob esse aspecto, foi-me perguntando, porque escolhi as histórias destas mulheres negras? Respondo esse questionamento com outras indagações feitas pela autora do livro *Mulheres Negras Importam*, Darlene Dalto. Podem dizer que não é “educado” responder uma pergunta com outra, mas “o que sabemos sobre o racismo

que atinge milhões de mulheres no Brasil? Como vivem, o que passam, o que sentem, o que pensam, quais são suas conquistas, como reagem e resistem, que estratégias usam para se proteger diariamente” (DALTO, 2022, p. 02).

Escolho as histórias destas mulheres negras para abrir uma porta e te convido a adentrar neste debate. Se é branco (a), que possas te interessar, aprender e compreender, se é negro (a), que queiras conhecer e se encantar com os seus e com elas construir argumentos sólidos para enfrentar o racismo. Assim, instigo vocês, leitores (as), a recomeçar, através dessas histórias, a sua própria história, mais uma vez. (DALTO, 2022)

Vamos iniciar nossa jornada de descobertas pela história da mulher negra escravizada Esperança Garcia, apresentada na obra “Enciclopédia Negra” dos autores Gomes, Lauriano e Schwarcz (2021):

É de Esperança Garcia o mais antigo documento supostamente escrito por um escravizado, no caso escravizada, expressando as suas vontades, desejos e expectativas. Ele foi encontrado pelo historiador Luiz Mott (1946-). Trata-se de uma carta, datada de 6 de setembro de 1770, depositada no Arquivo Público do Piauí. Esperança Garcia era uma escravizada casada e que trabalhava na fazenda dos Algodões, a qual, desde que os jesuítas que a administravam tiveram seus bens sequestrados em 1759 e foram expulsos do Brasil, passara a fazer parte de uma rede de propriedades e pastos destinados à pecuária pertencentes à Coroa portuguesa. A fazenda dos Algodões era então administrada pelo capitão Antônio Vieira do Couto. Mas Esperança não dirigiu sua carta nem a ele nem a vice-rei; endereçou-a ao governador do Piauí. A cativa, que àquela altura já tinha dois filhos, não queria se afastar de amigos e parentes. A missiva indica várias das suas expectativas com relação ao trabalho, à família e as formas de controle. Ela não queria mudar de fazenda e alegava que já fugira algumas vezes, tendo sido castigada por isso. Dizia ainda que seu filho sofrera “grandes trovoadas de pancadas” e ela própria tinha virado “um colchão de pancadas”. Reivindicava instrução religiosa e sacramentos, afirmando que ela “e mais minhas parceiras” estavam sem “confessar há três anos”. Reclamava também de que, na fazenda, filhos nascidos escravizados não tinham sido batizados: existia “criança minha e duas mais por batizar”. O principal motivo que a levava a fugir era mesmo de ordem familiar. Ela queria voltar para a sua antiga fazenda, pois desejava “viver com meu marido e batizar minha filha”. Mais nada ficou como registro de Esperança. O nome dela já representava uma lenda naquele mundo de escravidão e da liberdade que ela tentava conquistar. (MOTT; LIMA, 2021, p. 188)

Costurando contribuições, trago Joice Berth e o seu relato sobre a profunda alienação, ao longo da história, a respeito de nós mesmos e de nossa autoimagem. As consequências dessa alienação foram passadas de geração em geração, até chegarmos aqui, nesse momento histórico em que pessoas negras, que estudam e refletem para atuar na esfera de formação de saberes, começam a se confrontar com

as distorções em todos os níveis em que foram largamente alimentadas. “Um resgate, é exatamente essa palavra. Um resgate lento e gradual daquilo que fomos e que podemos retomar para continuar sendo” (BERTH, 2020, p. 114).

Da obra Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira: história de mulheres negras no pós-abolição do sul do Brasil da autora Fernanda Oliveira. Para ela, as histórias destas duas mulheres estão vivas nos becos da memória daquelas e daqueles que tiveram a honra de compartilhar existências com elas. “ Estão vivas nos escritos de alguns memorialistas e por meio de livros e textos escritos de próprio punho ou ouvidos em rincões que extrapolam o cenário do Sul” (OLIVEIRA, 2020, p. 19).

A escrita abaixo é uma carta endereçada a Mãe Luciana e escrita pela autora do livro Fernanda Oliveira, uma recém doutora negra que acredita na educação e se espelha nesta mulher e em nossas lutas coletivas.

Querida Luciana Lealdina de Araújo.

Começo essas linhas te chamando pelo nome inteiro, mas não te preocupes, não pretendo te trazer péssimas notícias, o faço, pois me encanta a suntuosidade que teu nome completo evoca. Uma mulher negra com nome e sobrenome em fins do século XIX e no século XX é de se reverenciar de pé. Sei que muitos te referenciavam apenas como Mãe Preta, mas tens nome e sobrenome, e eu, enquanto mulher negra nascida nos mesmos pagos que tu, tenho consciência que mulher negra tem que ter nome e sobrenome, senão o racismo coloca o nome que quiser. Quem me ensinou isso foi outra mulher negra, de nome Lélia Gonzalez, certamente ela teria adorado te conhecer.

Mas, Luciana, te conheci há quase uma década, muito embora já tivéssemos cruzado nossos caminhos pelas ruas de Pelotas, cá no extremo sul desse Brasil. Te encontrei em fontes escritas por homens e mulheres, sobretudo negros como tu. Referenciavam com muito respeito e admiração aquela mulher que nascida ainda antes da abolição, no ano de 1870, em Porto Alegre, havia feito de Pelotas seu local de moradia e aqui fundado uma instituição para acolhimento e educação de meninas, especialmente negras, o Asylo São Benedicto. Ó querida Luciana, quantas vezes passei em frente ao, hoje, Instituto São Benedito e me deparei com aqueles ladrilhos na calçada com a expressão: Asylo de Órphãs São Benedicto. Um asilo para meninas em pleno ano de 1901! Que grande iniciativa!

Passados pouco mais de 130 anos da Abolição, ainda nos deparamos com problemas que se iniciaram com a liberdade. A educação, sem sombra de dúvidas, ainda é o palco de disputas e atenção de gentes que tentam a seus modos honrar a luta que iniciaste. E, não à toa, teu túmulo, na cidade de Bagé, está sempre repleto de flores em agradecimento por graças alcançadas.

Obrigada pela tua existência e parabéns pela estratégia traçada em prol de que a cidadania também estivesse ao alcance de meninas negras, que assim como eu nasceram nessa cidade e precisaram se deparar com tantas adversidades neste sul que permanece tão negro. Foi por conta dessa história, com o mesmo fio condutor e traçando caminhos semelhantes, que resolvi escrever não apenas sobre ti, mas contigo, e também com outra

mulher negra dessa cidade, como verás na sequência. (OLIVEIRA, 2020, p. 11)

É importante destacar que as mulheres negras tiveram um papel central no incentivo e promoção de processos educativos e instrutivos nas comunidades negras do estado, e as ações de Luciana Lealdina de Araújo, conhecida como Mãe Luciana, permitem melhor compreender acerca dessa centralidade, nas cidades de Pelotas e de Bagé. Destaca-se entre as associações que se incumbiram de ofertar instrução e educação o Asilo de Órfãos São Benedito, criado em 1901, o qual abrigava principalmente meninas negras, mas que de acordo com seus estatutos, aprovados em 1902, não realizava distinção de cor. Surgiu por iniciativa desta mulher negra, Luciana Lealdina de Araújo, voltado a meninas com idade entre 2 e 21 anos, a instituição se mantém em funcionamento na atualidade.

Na obra de Sandra R. Coleman, “Mulheres Negras Brasileiras: presença e poder da exposição ao livro” (2020) para evidenciar um Brasil de mulheres negras que romperam as barreiras impostas pela sociedade racista e galgaram um patamar que para muitas parecia impossível, ter um diploma universitário, mulheres negras enviaram uma minibiografia, uma foto com boa resolução e um relato de algum caso de racismo que tivessem sofrido. Sandra pediu a cada uma dessas mulheres que descrevessem como sua identidade afro-brasileira influenciou suas vidas como educadoras, ativistas, advogadas e autoras. (COLEMAN, 2020)

Apresento a narrativa autobiográfica, “Coragem! Sou mulher preta”, da professora Ana Paula de Souza Venancio que espelha as experiências de vida tanto minha como de tantas outras mulheres negras em nosso país:

Mulher negra eu sou! Ana Paula de Souza Venancio Pereira é o meu nome. Há cinquenta anos eu estava nascendo no Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras, em 1969. Fui gerada no ventre de Joana de Souza Santos, minha mãe e companheira saudosa, que a vida generosamente me apresentou. Oriunda da Bahia, veio para o Rio de Janeiro ainda menina e trouxe guardada em sua ancestralidade a sabedoria encantada das pretas velhas, a arte da culinária e a força visceral de encarar a vida com a coragem de uma mulher preta. Estudo não tinha, pois foi proibida de ir à escola. Meu pai, Aloízio Paulo dos Santos, aos 39 anos foi ceifado da vida, acometido por um acidente vascular cerebral que o fez perecer nos braços de minha mãe. Minha mãe e minha avó Chica são as referências de mulheres que suleam a minha vida! Elas são o meu ponto de partida e chegada, minhas ancoras. Mulheres Negras cuja sabedoria foi sendo adquirida na e com a vida, escrevendo suas histórias sem a chance de errar, tinham que assumir posicionamentos difíceis que, mais do que a força física, elas tinham que ter muita coragem! Coragem!

E foi nesta esteira de vivências, com minha avó e minha mãe que fui/venho perfazendo a minha vida. Diferente da minha mãe, aos quatro anos de idade comecei a frequentar a escola pública. Construí minha história no Ensino Fundamental na Escola Municipal Pio X no bairro de Jacarapaguá, onde também residi.

O Ensino Médio foi feito no Colégio Estadual João Alfredo, nesse colégio fiz o curso Normal de formação de professores. Em 1989 comemorava com minha mãe a minha primeira formação. Fui ampliando minha formação com a graduação em Licenciatura em História pela Universidade Veiga de Almeida no ano 2000. Especialização em História da África, Literatura africana foram feitas em anos seguidos. Tornei-me Mestre em Educação no ano de 2015 e neste momento estou cursando o doutorado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense.

Há 26 anos venho exercendo a docência no ensino público. Apresento-me como professora alfabetizadora antirracista, como posicionamento político e filosófico sobre as questões que milito e defendo, tanto no âmbito educacional/acadêmico, quanto na família e na sociedade. Sou casada a 25 anos com Alexandre Magno Venancio Pereira, compõe nossa família três filhas lindas: Rachel Venancio 23 anos estudante de Enfermagem pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rebecca Venancio com 19 anos, estudante de Licenciatura em Teatro pela Universidade Estácio de Sá e Rafaella Venancio com 12 anos estudante.

Gosto de dizer que nossa casa é um pequeno quilombo. Aqui aprendemos, nos fortalecemos para enfrentarmos cotidianamente os racismos com os quais nos deparamos. Uma família majoritariamente feminina, que tem a memória da Joana, minha mãe e avó das minhas filhas, uma luz não se apaga em nossas vidas. Quando nos sentimos combatidas, é pela coragem que nos reerguemos! Somos Mulheres Pretas! (VENANCIO, 2020, p. 182)

Sob esse exposto, as mulheres negras ao levantar discussões sobre o seu lugar na sociedade e lutar para romper uma visão única, não estão se impondo e sim buscando por sua coexistência. Para a autora, estamos em busca de novas formas de sociabilidade que não sejam pautadas pela opressão de um grupo sobre outro. De acordo com Bell Hooks, o debate, portanto, “não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas” (HOOKS, 2018, p. 18)

Descrevo perplexamente, a história de uma mulher negra, Dona Silene, uma vendedora de cocada do Rio de Janeiro. Darlene Dalto descreve este episódio este em seu livro *Mulheres Negras Importam*:

Recentemente, passos dois anos desde comecei a escrever este livro, tive ainda mais certeza de que precisamos falar sobre o racismo. No sábado, 11 de junho, o programa *É de Casa*, da TV Globo, convidou Dona Silene, uma vendedora de cocada do Rio de Janeiro, para reproduzir sua receita.

Cocadas prontas, a apresentadora Talitha Morete passou a bandeja para Dona Silene, uma senhora negra, e pediu que ela servisse a todos. Negros e brancos aliados que assistiam imediatamente entenderam a atitude típica do

racismo estrutural crônico, que está na base da formação deste país, e acontecia ali, ao vivo, em rede nacional.

No cenário repleto, ninguém se deu conta, exceto Manoel Soares, único apresentador preto do *É de Casa*, que com muita sensibilidade interveio tirando a bandeja da mão da senhora, dizendo que ela não ia servir, ele mesmo serviria. A internet explodiu. Três dias depois Thalita postou o devido pedido de desculpas reconhecendo o erro e o aprendizado. (DALTO, 2022, p. 11)

Considerando, portanto, todos esses aspectos abordados neste capítulo, fomento a discussão e a reflexão sobre o direito dos negros a se reconhecerem na cultura nacional, expressando suas visões de mundo com autonomia, individual e coletiva, buscando o reconhecimento e valorização da nossa história, cultura e identidade.

### 2.2.1 A representatividade da mulher negra e os imaginários históricos da luta pelos direitos sociais, políticos e culturais no Brasil

#### ***Vozes-mulheres***

*A voz de minha bisavó*

*ecoou criança*

*nos porões do navio.*

*ecoou lamentos*

*de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó*

*ecoou obediência*

*aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe*

*ecoou baixinho revolta*

*no fundo das cozinhas alheias*

*debaixo das trouxas*

*roupagens sujas dos brancos*

*pelo caminho empoeirado*

*rumo à favela.*

*A minha voz ainda*

*ecoou versos perplexos*

*com rimas de sangue e fome.*

*A voz de minha filha*

*recolhe todas as nossas vozes*

*recolhe em si*

*as vozes mudas caladas*

*engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha*

*recolhe em si*

*a fala e o ato.*

*O ontem – o hoje – o agora.*

*Na voz de minha filha*

*se fará ouvir a ressonância*

*o eco da vida-liberdade.*

*Conceição Evaristo*

*Poemas da recordação e outros movimentos (2008)*

Escolhi o poema Vozes-mulheres da autora Conceição Evaristo para iniciar minha “provoc-ação” neste capítulo onde busco estabelecer conexões e percepções entre as referências aqui citadas e os caminhos que percorro nesta dissertação.

Na obra de Grada Kilomba percebi intersecções com minha proposta, sobretudo, quando a autora destaca de forma específica a raça, o gênero e o racismo. Para Grada, embora exista uma intersecção complexa entre "raça" e gênero, trocar a "raça", mais do que mudar o gênero, alterara profundamente o conjunto de relações de poder. “A maior parte da literatura sobre o racismo falhou em abordar a posição específica das mulheres negras e as formas pelas quais questões de gênero e sexualidade se relacionam a questões de "raça"”(KILOMBA, 2019, p. 96).

Percebo a necessidade, assim como Grada, de analisar o fenômeno que atravessa várias concepções de "raça" e de gênero, nossa realidade só pode ser abordada de forma adequada quando esses conceitos são levados em conta. Formas de opressão não operam em singularidade, elas se entrecruzam. Nesse sentido, “o impacto simultâneo da opressão "racial" e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas”. (KILOMBA, 2019, p. 98)

Diante desse contexto, teço meus argumentos baseados em Grada quando a mesma explica a semelhança entre o racismo e o sexismo. Para ela, “racismo e sexismo se assemelham, pois ambos constroem ideologicamente o senso comum através da referência às diferenças "naturais" e "biológicas"” (KILOMBA, 2019, p. 99). Percebo, com imensa tristeza e indignação, que há uma grande fenda social e apagamento cultural que causa ranhuras em minhas perspectivas de encontrar fontes de conhecimento e novos marcadores de africanidades.

A escritora Ceila Sales de Almeida explica no livro Feminismo: luta por reconhecimento da mulher negra no Brasil, que o movimento negro nas Américas, constituído na diáspora africana, compreendeu a mobilização coletiva de luta e resistência dos negros em face das opressões oriundas do regime escravagista que inferiorizou, excluiu e criou um sistema de hierarquia racial nas estruturas sociais. Para a autora, “a história das mulheres negras no Brasil reflete um passado de opressões racistas e sexistas, que ao longo do tempo lhes violaram a dignidade e a cidadania”. (ALMEIDA, 2020, p. 8)

Segundo Joice Berth, o movimento negro se funde ao feminismo negro, pois ambos lutam pela erradicação do racismo que estrutura nossa sociedade, apontando as opressões atreladas ao gênero e ligando-se ao Feminismo dito universal. Dessa forma, percebo que tenho objetivos em comum com a autora, principalmente, no desejo em desvelar as contribuições do feminismo negro para que “tenhamos um entendimento profundo dos caminhos da História, bem como dos princípios norteadores de novas ações e posturas que visam à equidade como potencial eliminador das opressões” (BERTH, 2020, p. 62).

Em consonância, Grada aborda a descolonizando mulheres negras ao descortinar a invisibilidade dessas mulheres, dessa forma, analisando a necessidade provocação sobre as reivindicação de feministas negras, busco na autora a explicação, pois não tenho o objetivo de classificar as estruturas de opressão de tal forma que mulheres negras tenham que escolher entre a solidariedade com homens negros ou com mulheres brancas, entre "raça" ou gênero, mas ao contrário, assim como Grada, meu objetivo é tornar nossa realidade e experiência visíveis tanto na teoria quanto na história. (KILOMBA, 2019)

Alinhado a essas proposições, Eunice Léa de Moraes autora no livro “Educação Libertadora e Feminismo Negro: Uma teia conceitual de resistência à interseccionalidade das opressões de gênero”, de raça e de classe”, relata a importância de colocarmos o feminismo negro como uma categoria de análise epistemológica. Para Eunice, os estudos sobre o feminismo negro apontam a necessidade de descolonizar as perspectivas hegemônicas da teoria feminista, pois estas, não incluem nos estudos o conjunto de diferentes dimensões do feminismo, que, “apesar de uma aparente heterogeneidade, possuem como centralidade as mesmas relações de poder, desproporcionais, discriminadoras e injustas, das desigualdades de gênero” (MORAES, 2021, p. 61).

Em consonância, de acordo com a professora Ceila, a mulher negra tem a efetivação de sua cidadania e dignidade afetada por práticas oriundas das opressões racistas e sexistas, que constroem e fundamentam os instrumentos ideológicos de dominação do patriarcado e do racismo. A autora ressalta que “as expressões racistas e sexistas provocam injustiças de natureza cultural e econômica, atingindo a autoestima, autorrespeito e a plena satisfação dos direitos fundamentais civis,

políticos, sociais, econômicos e culturais das mulheres negras”. (ALMEIDA, 2020, p. 9)

É fato que o feminismo negro ou movimento de mulheres negras, dentro dos feminismos, foi responsável pelo resgate conceitual e resignificação do empoderamento. Tendo como fator limítrofe a permanência na base da pirâmide social, esse resgate mostra-se fundamental para nossa movimentação na luta pela quebra da formação hegemônica dessa pirâmide. Podemos chamar de resgate porque não é novidade para os movimentos de mulheres negras a necessidade de busca por processo de empoderamento como condição de sobrevivência. (ALMEIDA, 2020, p. 12)

No Rio Grande do Sul, foram as mulheres afro-gaúchas, as ventanias negras do Sul, que nos trouxeram até aqui, que transformaram o não lugar em lugar, em um outro sul. Como Fernanda Oliveira desvela, mulheres negras inseridas no mundo acadêmico e para além dele, mas ainda assim de um sul que se pretende exclusivamente europeu, e que forjam a construção de uma história em que mulheres negras estejam não somente como propositoras de ações, mas também como formadoras da cultura e intelectualidade do Sul do país. (OLIVEIRA, 2020)

Nesses espaços, como destaca Fernanda, há ênfase na construção de espaços seguros, que por sua vez pavimentam a expressão de suas/ nossas formas de ler o mundo e dialogar com ele sem que isso, necessariamente, reafirme um lugar de exclusão, invisibilidade ou margem. Para a autora “Mulheres e organizações que reelaboram um “outro ‘Sul’ por meio das relações de gênero e étnico-raciais” (OLIVEIRA, 2020, p. 26). Dessa forma:

Tais possibilidades impulsionam e dão sustentabilidade para que essas mulheres possam atuar novamente em suas famílias, num diálogo constante, mas também nos espaços formais de educação e nos de trabalho, que muitas vezes são também os de educação. Formula-se assim, formas de educação que revisitam o não lugar desde a lente do pertencimento, ou seja, uma outra maneira de construir pensamentos que orienta contranarrativas à ciência eurocêntrica, por sua vez enunciada, sobretudo desde o norte global. Essas disputas narrativas conformam histórias mais plurais que se pautam pela existência coletiva desde esse lugar social de mulheres negras. (OLIVEIRA, 2020, p. 26)

Dessa forma, aparada por Ceila Sales de Almeida (2020), desejo que nós, mulheres negras, se conscientizem da importância do papel de cada uma na história e nas especificidades que marcaram a trajetória histórica e social, desde a diáspora

africana até os dias atuais, reafirmando, portanto, que a nossa luta é por identidade e reconhecimento.

### **2.3 Protagonismo negro na escola: formação de professores para as práticas pedagógicas antirracistas**

As instituições de ensino desempenham um importante papel ao constituir-se num espaço educativo e democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam uma sociedade justa. Para Gomes (2002), os desafios da educação antirracista no ambiente escolar direcionam o olhar para a perspectiva da diferença, pois, este fator é um importante componente do nosso processo de humanização. Para a autora “a diferença é, pois, um importante componente do nosso processo de humanização. O fato de sermos diferentes enquanto seres humanos e sujeitos sociais talvez seja uma das nossas maiores semelhanças” (GOMES, 2002, p. 40).

Alinhando às propostas que permeiam este estudo, proponho discutirmos quais são os saberes profissionais na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. Neste processo, concordo com Eliane Cavalleiro ao definir que a educação formal tem grande relevância para a formação de cidadãos críticos e conhecedores de seus direitos civis, políticos e sociais. Porém, “compreender e reconhecer a desvantagem que constitui o racismo para o desenvolvimento das relações sociais entre negros e brancos, com a penalização dos cidadãos negros, constitui uma ação fundamental para enfrentar essa falta de equidade” (CAVALLEIRO, 2001, p. 142).

Nesse viés, Eunice Léa de Moraes afirma que a educação é marcada, geralmente, pela ausência da tríade ação-reflexão-ação sobre as inter-relações étnico-raciais e de gênero no projeto político-pedagógico escolar nas maiorias das escolas. Isso, na visão da autora, cria uma barreira para a garantia de direitos e relações igualitárias entre educadores/educadoras e educandos/educandas. “Dessa maneira, a educação é concebida como instrumento que adapta os indivíduos a uma ordem econômica e social, vigente, com a finalidade de transmitir um conhecimento definido pelo poder político dominante em seu benefício” (MORAES, 2021, p. 91)

Considero, a partir das percepções de Gomes, que as relações estabelecidas entre a educação e a identidade negra nos desafiam a pensar na construção de uma pedagogia da diversidade. Por isso, torna-se imprescindível afirmar que: “durante anos, a sociedade brasileira e a escola distorceram e ocultaram a real participação do negro na produção histórica, econômica e cultural do Brasil, e, sobretudo, questionar os motivos de tal distorção e de tal ocultamento” (GOMES, 2002, p. 43)

Conforme Kabengele Munanga (2019), é através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na história. Para o autor:

A memória que lhe inculcam não é de seu povo; a história que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve e do inverno que nunca viu, da história e da geografia das metrópoles; o mestre e a escola representam um universo muito diferente daquele que sempre a circundou. (MUNANGA, 2019, p. 43)

Nesse contexto, quero acentuar aqui, como elemento norteador para uma construção sólida e significativa da identidade dos alunos negros, a proposição da educação como prática para liberdade. Acredito assim como Bell que “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2013, p. 25).

De acordo com Nilma Lino, a escola pode ser considerada como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra, pois, a educação sendo entendida como um processo contínuo, conclui-se que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Para a autora, “o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las” (GOMES, 2002, p. 39).

Para Givanilda, autora do livro *Relações Raciais e Desigualdade no Brasil*, a inserção da diversidade nas políticas educacionais, nos currículos e na formação dos professores se solidificou com a Lei nº10.639/2003, que incluiu no currículo oficial de escolas públicas e privadas do ensino básico o ensino da História de cultura afro-brasileira e africana. “Na prática, o sistema brasileiro deu passos largos em direção à adoção de programas de ações afirmativas, isto é, conjuntos de ações políticas e

orçamentárias destinadas à correção de desigualdades raciais e sociais”. (SANTOS, 2009, p. 82)

Nesse processo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas propôs como meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. O documento orientador esclarece que o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira. (BRASIL, 2004)

Legitima-se, nesse processo, a necessidade de qualificação docente para que sejam capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais. Nilma Lino e Petronilha Beatriz propõem a articulação das questões levantadas por autores que privilegiam a relação entre a formação de professoras, os saberes, os valores, a cultura e as histórias de vida, que ultrapassa a simples questão curricular. (GOMES; SILVA, 2011)

De acordo com Gomes e Silva, a formação de professoras, diante desse cenário, não comporta um único conceito, pois problematizar e discutir tal processo implica ter presentes dimensões diversas e considerar diferentes interpretações e posições teóricas dos que tematizam o assunto. Para as autoras, essas questões, “debates de caráter pedagógico relativos à construção das identidades, valores, ética, religião, relações de gênero, de raça, de trabalho, têm mostrado serem relevantes dimensões na atuação profissional dos/as professores/as” (GOMES; SILVA, 2011, p. 14).

Nesse processo, concordo com Graziela Feldmann ao estabelecer a relação entre as questões de formação docente e as inquietudes e perplexidades na busca de significados do que é ser professor no mundo atual. “Formar professores com qualidade social e compromisso político de transformação tem se mostrado um grande desafio às pessoas que compreendem a educação como um direito humano e social na construção da identidade e no exercício de cidadania” (FELDMANN, 2009, p. 71)

Materializando essas percepções, trago o livro da professora Luana Tolentino, “*Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*”, pois

é uma ousada expressão sobre esse fazer pedagógico ao descrever, transbordando sensibilidade e reflexões críticas sobre o dia a dia da sala de aula, a busca incessante de uma professora negra pela consolidação da educação emancipatória, tendo em seus relatos, expressões didáticas do diálogo no processo de ensino cujo objetivo é a ensinagem com significado político, histórico e social. (TOLENTINO, 2018)

Nesse contexto, Nilma Lino Gomes afirma que o movimento negro provoca inquietações aos que ainda rebatem a existência do racismo no campo educacional. Para a autora, que o movimento negro gera novos conhecimentos alimentados pelas lutas que contribuem para a sociedade em geral se fundamente de outros conjuntos de conhecimentos enriquecedores. "Uma coisa é certa, se não fosse à luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização com todas as tensões, os desafios e os limites muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria sido aprendido" (GOMES, 2017, p. 14).

Utilizo-me das palavras da Luana para reafirmar o propósito desta pesquisa, pois para a autora as vivências descritas no livro " são fruto da minha experiência como mulher, negra, professora, filha das classes populares e ativista dos movimentos Negro e Feminista. São fruto também da interação entre os alunos, o mundo e eu" (TOLENTINO, 2018, p. 16).

Transcrevo da obra as crônicas sobre o seu fazer pedagógico "**Chimamanda é linda e feminista**". Neste texto, assim como nos demais descritos no livro, Luana dialoga com as vivências dos alunos muitas vezes invisibilizados nos currículos e programas escolares:

Após aprendermos um pouco sobre a História da África, como trabalho final, pedi a cada um que realizasse uma pesquisa sobre personalidades africanas. O objetivo da atividade era desmistificar a imagem do continente africano como um lugar em que há somente "pobreza, fome, miséria, Aids e animais", conforme eles disseram na primeira aula sobre esse assunto.

No dia da apresentação dos trabalhos, cada aluno pode falar sobre a personalidade que escolheu:

- Professora, achei que Mia Couto era mulher! – Disse o Samuel.

- Professora, a Chimamanda é linda! A senhora parece com ela! – afirmou a Anna.

Fiquei muito feliz ao ouvir esse comentário. É gratificante ver meninas de 11 e 12 anos tomando a escritora nigeriana como um referencial de beleza, uma vez que no Brasil ainda predomina o padrão estético branco-europeu. Chimamanda fez tanto sucesso que no dia seguinte levei alguns de seus livros para a sala de aula. Três alunas pediram que eu os emprestasse para que elas pudessem levar para casa.

Minutos depois, me dei conta de que havia emprestado livros que tinham como cerne o pensamento feminista. Pensei nos problemas que tal ato

poderia me acarretar. O meu medo não foi sem motivo. A onda conservadora, o ódio e a estupidez que assolam o país têm reverberado na educação básica e no ensino superior.

Passados alguns dias, a Anna me contou que depois de ler *Sejamos todos feministas* (ADICHIE, 2015) percebeu que não é justo que ela e a mãe cuidem da limpeza da casa enquanto o irmão joga futebol na rua.

- Professora, isso é machismo! – Disse a minha aluna.

Ganhei meu dia. Segurei para não rir da altivez e da indignação da Anna ao contar a descoberta que havia acabado de fazer.

As palavras da Anna mostram que não podemos ser vencidos pelo ódio, pelo medo e pela apatia. É preciso encontrar maneiras de enfrentar a ignorância e a intolerância que parecem imperar no Brasil. Em tempos tão sombrios, a promoção de uma educação feminista é ferramenta indispensável para que saíamos vitoriosos nesse processo. (TOLENTINO, 2018, p. 45)

Reforço, ao final desta bela história pedagógica, que neste trabalho, as narrativas das professoras negras terão seu lugar de fala e reflexão. Dessa forma, considerando a formação de professores para o ensino das relações étnico-raciais, volto-me para o questionamento levantado por Jeruse Romão (2001, p. 162). “Qual seria então o papel do educador?” Para a autora, os/as docentes devem apresentar atitudes para que as propostas metodológicas antirracistas tenham êxito:

- Primeira atitude: compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas. Respeitar a diferença é a primeira postura que se deve ter como educador (ROMÃO, 2001).
- Segunda atitude: compreender que está individualidade faz parte de uma coletividade, ou seja, de um grupo cultural racial, étnico, econômico, regional, etc. Em sala de aula, os alunos apresentam características individuais que se somam às características do coletivo de que fazem parte (ROMÃO, 2001).
- Terceira atitude: estimular o desenvolvimento dos alunos em seu conjunto, observando os aspectos emocionais, cognitivos, físicos e culturais. É necessário romper com os preconceitos e estereótipos, rejeitar estigmas e valorizar a história de cada um (ROMÃO, 2001).

Nesse contexto, para Paulo Freire, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, assim, pensando na educação antirracista, constato assim como o autor, que a reflexão atual da prática é que transformará a prática no ensino futuramente. “Quanto mais me assumo como estou assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me” (FREIRE, 1996, p. 22).

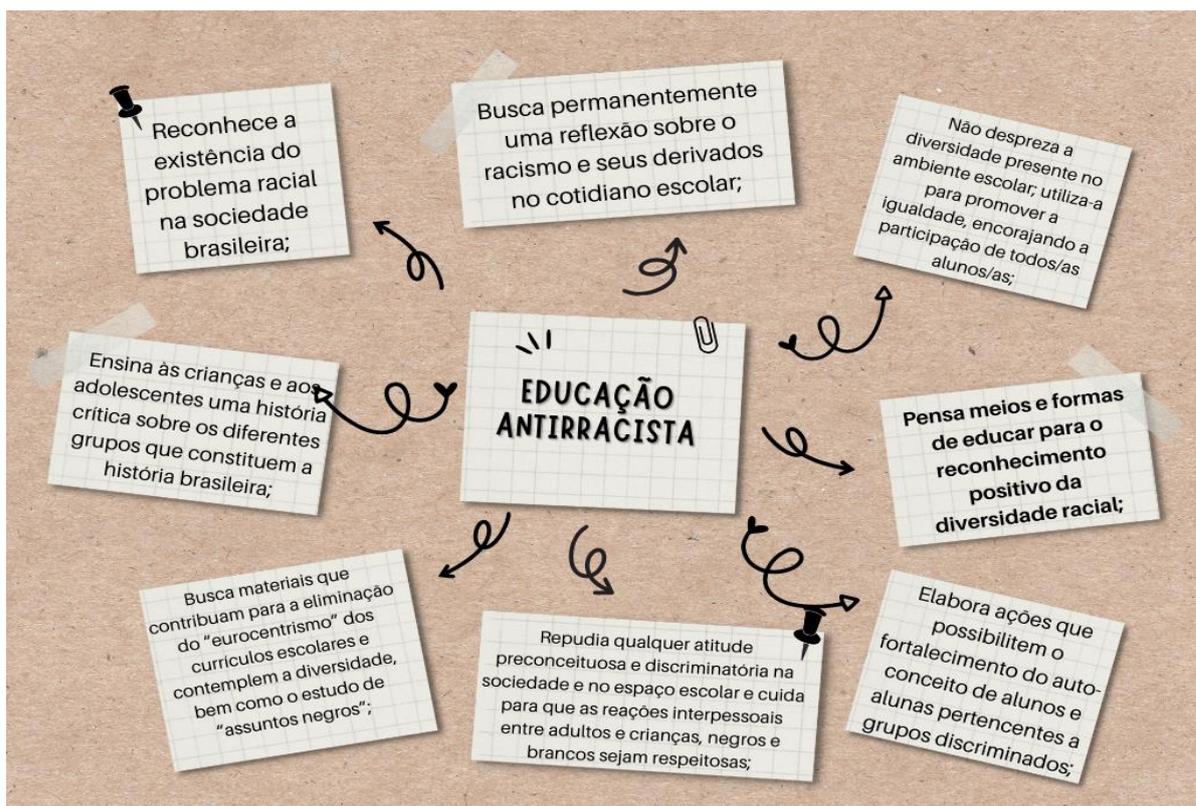
É dentro desta perspectiva que o campo da educação tem o desafio e o compromisso de formar professoras e professores para a diversidade étnico-racial, diante da necessidade de construir e praticar o respeito à identidade desses agentes pedagógicos e políticos, com seus direitos e deveres. De acordo o Parecer CNE/CP nº 3/2004 que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é importante considerar que:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. Diálogo com estudiosos que analisam, criticam estas realidades e fazem propostas, bem como com grupos do Movimento Negro, presentes nas diferentes regiões e Estados, assim como em inúmeras cidades, são imprescindíveis para que se vençam discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam concepções e ações, uns dos outros, se elabore projeto comum de combate ao racismo e a discriminações. (BRASIL, 2004, p. 15)

Essas ações também são abordadas por Eliane Cavalleiro ao constatar que a educação antirracista reconhece o ambiente escolar como um espaço privilegiado para a realização de um trabalho que possibilite o conhecimento respeitoso das diferenças raciais, bem como, dos indivíduos pertencentes a grupos discriminados. Assim, “um fator decisivo para romper com o quadro de exclusão no sistema educacional é a elaboração de um cotidiano escolar que contemple as necessidades específicas de alunos/as negros/as” (CAVALLEIRO, 2001, p. 149).

O esquema abaixo, elucida as características necessárias para uma educação antirracista, de acordo com (CAVALLEIRO, 2001, p. 158).

Figura 2- Características de uma Educação Antirracista



Fonte: Cavalleiro (2021)

Reiterando essas proposições, é necessário refletir sobre as colocações de Romão, pois na escola, os alunos recebem cotidianamente estímulos negativos em relação a sua cultura e, sobretudo, sua personalidade cultural e étnica. Sendo assim, a autora pergunta: "é possível a esses alunos responder à pergunta quem sou eu de forma positiva?" (ROMÃO, 2001, p. 174). É evidente que não, concordo com a autora ao explicar que, essa negação de personalidade promove uma negação de identidade levando os alunos negros a pensar que realidade cultural, social e familiar não é adequada como forma de incorporá-la em outras relações sociais e grupais.

Dessa forma, portanto, é que a diversidade étnico-racial deve ser reconhecida com uma questão que necessita vincular-se à formação de professoras e às práticas educativas escolares e não escolares. Para que a escola consiga avançar na relação à realidade social diante da do racismo é preciso que os educadores compreendam que o processo educacional também é permeado por dimensões estruturadas em conhecimentos acerca das diferentes identidades, a diversidade, a cultura e as relações raciais.

## **2.4 Pretagogia: abordagem metodológica, conceitos operatórios, dimensões operacionais e marcadores das africanidades**

A Pretagogia é um referencial criado pela professora, de origem caribenha, Sandra Haydée Petit. Seus estudos universitários foram na Universidade Paris VIII de onde possui graduação em Línguas Estrangeiras Aplicadas bem como Mestrado e Doutorado em Ciências da Educação.

Conforme Currículo Lattes, Sandra é Professora da Universidade Federal do Ceará, trabalha com educação das relações etnicorraciais (ERER) e Educação Popular, essencialmente com os temas: pretagogia, cosmovisão/cosmopercepção africana, filosofia africana, pedagogias afrorreferenciadas, tradição oral africana, sociopoética, educação afrocomunitária e eventos tabanka.

É coordenadora do NACE- Núcleo das Africanidades Cearenses, que congrega professoras/es, alunas/os, pesquisadoras/es e membros do movimento negro que intervêm na área das africanidades, focando a produção e invenção de estratégias pedagógicas visando a implementação da lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da cultura e história africana e afrodescendente nas escolas públicas e particulares. Tem estudado particularmente textos de Sobonfu Somé e Vanda Machado.

Está aprimorando os conceitos operatórios da Pretagogia, mostrando o necessário entrelaçamento nas africanidades da educação com a espiritualidade (senso cosmocomunitário). Interessa-se também pela poética da Nova Música Preta e sua semiótica. Tem dois livros autorais publicados, o acadêmico Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores e o infanto-juvenil A extraordinária história do sementeiro de baobás.

Neste estudo, o livro Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores (2015), será a ferramenta que norteará a materialização das narrativas das professoras negras atuantes na educação básica do município de Bagé-RS, para a elaboração das cartas pedagógicas, instrumento utilizado na proposta da pesquisa-ação para a coleta de dados, este, desencadeado pelo desenvolvimento do curso de extensão **Pretagogia:**

### **construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula.**

Sandra explica que a Pretagogia é um referencial criado para a formação de professores envolvidos em produzir dispositivos para implementar, nos currículos escolares e universitários, a história e as culturas africanas, afro-brasileira e Afrodiaspórica. O fundamento da Pretagogia é valorizar as contribuições pedagógicas e filosóficas da matriz africana para a prática educacional, dessa forma, a autora explique que:

A Pretagogia exige um mergulho dentro de si, para falar na primeira pessoa, de seu lugar, não somente numa linhagem biológica que envolve a imensa maioria das famílias brasileiras, componentes próximos ou distantes afrodescendentes africanos e afrodiaspórico, esses últimos coletivos e absolutamente inegáveis. (PETIT, 2015, p. 153)

Sandra nos conta que a Pretagogia surgiu da experiência na coordenação do I Curso de Especialização em História e Cultura Africana e afrodescendente para Formação de Professores de Quilombo que aconteceu na região dos Inhamuns, no Ceará, no município de Novo Oriente, entre 2010 e 2011. A experiência, segundo ela, foi fabulosa, pois o curso inteiro aconteceu em quilombos, algo inédito no país e, juntamente com Geraldine Cosa e Silva, fizeram de tudo para que esse diferencial se refletisse, não somente no conteúdo, mas também na metodologia aplicada no curso, que foram embasadas nos valores da cosmovisão africana. (PETIT, 2015)

Descrevendo o que deve caracterizar um currículo Pretagógico, Sandra enfatiza que, deve se enraizar a partir de “sua fala-ação que canta, batuca, dança, reage, corre, joga capoeira, aprende sobre a diversidade da mãe África e sobre quem são os negros da diáspora, entre outros movimentos” (PETIT, 2015, p. 145).

Rebeca de Alcântara ajudou na elaboração escrita da proposta pedagógica, mas ela não pôde permanecer porque estava de partida para o Piauí. Então, fomos, sobretudo eu, como Coordenadora Geral do Curso e Geranilde Costa e Silva, como coordenadora pedagógica, e colocamos em prática a proposta que se desenhou com a Pretagogia. De início, Henrique Cunha elaborou a justificativa geral do projeto para acontecer no quilombo. Eu e Geranilde Costa e Silva cuidamos mais da metodologia e da filosofia do projeto. À medida que ia acontecendo, demo-nos conta que estávamos, de certa maneira, sistematizando toda a experiência que vínhamos construindo há anos no NACE, como pesquisadoras, mas também nas múltiplas intervenções pedagógicas em sala de aula, quer seja na universidade, nas escolas ou em cursos de capacitação de professores. (PETIT, 2015, p. 145)

E, foi buscando um termo que incluísse e se referisse diretamente à Pedagogia que Geraldine Costa e Silva subitamente teve a ideia do termo Pretagogia. Sandra conta que Geraldine insiste em afirmar que se trata de uma Pedagogia de preto para pretos e brancos. “O importante é entender que é para todos (as), independentemente da cor da pele, mas que possui uma especificidade, que é o apresentar referenciais inspirados na cosmovisão africana para o trabalho pedagógico em sala de aula” (PETIT, 2015, p. 150).

Em consonância, relaciono a concepção da Pretagogia com a fala da autora Jeruse Romão sobre as garantias de oportunidades na educação através do que consideramos novas propostas de ensino. Mas, assim como ela, questiono, o que é o novo? Para Jeruse, o novo é a reformulação de seu referencial, pode ser uma postura, uma atitude, é conceber o conhecimento como um processo cotidiano. “É sobretudo, conhecer a história de um povo que, quando escravizado e transplantado de sua terra, de sua comunidade e de sua sociedade para o Brasil, trouxe toda sua história e vida na alma, porque não foi lhe permitido carregar nenhum pertence” (ROMÃO, 2001, p. 177).

De acordo com essa visão, trago as contribuições de Isabel Aparecida dos Santos sobre a responsabilidade da escola em promover formas de eliminar o preconceito racial. Para a autora, a escola pode garantir e promover o conhecimento de si mesmo, no encontro com o diferente, conhecendo o outro, pois, questionando o meu modo de ser, coloco em discussão os meus valores, portanto, dialogo. “Poderíamos falar de uma “Pedagogia do Conflito”, na qual as situações de conflito são vistas como uma possibilidade de ação educativa, portanto, não precisam nem devem ser evitas” (SANTOS, 2001, p. 106).

Em proposição a essas colocações, Sandra explica que na Pretagogia o uso da oralidade é fonte de produção e modo de apropriação didáticos implicando em sensibilidade, respeito e envolvimento para com o outro, numa atitude política de valorização. Além disso, a Pretagogia assume uma postura de transformação ao realizar intervenções pedagógicas que visam contribuir deliberadamente para mudanças de posturas, com recursos direcionados para apropriação da cosmovisão africana. (PETIT, 2015)

Em consonância, Ana Lúcia Silva Souza propõe o uso da palavra, em especial a oral, como um instrumento para os alunos, em especial os negros, olhar a si próprios

e ao outro como produtor e reproduzidor de cultura, de valores e de saberes. “Tanto o aluno negro como o não-negro ganham a oportunidade de, literalmente, tomar a palavra como algo vivo, ressuscitá-la para o questionamento e a problematização tão necessárias para a vida em sociedade” (SOUZA, 2001, p. 180).

Corromper a ordem dos currículos escolares, dessa forma, se faz necessário, de acordo com Isabel Aparecida. Segundo ela, principalmente, porque insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica com único conhecimento válido, portanto, é tarefa da escola fazer com que a história seja contada a mais vozes e escrita por mais mãos sendo “necessário romper o silêncio a que foram relegados negros e índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmo” (SANTOS, 2001, p. 107).

Em referência aos elementos abordados na produção do conceito de Pretagogia, enquanto referencial teórico-metodológico, trago a concepção de Nei Lopes sobre o contexto da Diáspora Africana. Na obra Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (2004), o autor explica que, no contexto da Diáspora, cujo objetivo principal é tornar visível a participação da matriz africana na formação da sociedade brasileira e na civilização universal, “todo descendente de negro-africanos, com qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada historicamente, é, então, um registro da presença africana no mundo, desde sempre. Negro é os seus matizes” (LOPES, 2004, p. 20).

Considerando a afrocentricidade – teoria do conhecimento em relação aos povos e culturas africanos e diaspóricos – Elisa Larkin do Nascimento e Charles Finch nos relatam que o pensamento afrocêntrico investiga e propõe novas formas de articular o estudo, a pesquisa e o conhecimento neste campo. “A abordagem afrocentrada vem evoluindo no sentido de incorporar além das obras elaboradas na tradição ocidental, a ética e a filosofia ancestrais e a produção do conhecimento por africanos no seu próprio contexto de vida” (NASCIMENTO; FINCH, 2009, p. 42).

Para a Pretagogia (PETIT, 2015, p. 178) “é fundamental conhecer os valores da cosmovisão e identificar os marcadores de africanidades e extrair desses valores e das práticas corporais envolvidas, inspirações concretas para a didática em sala de aula”. Sandra nos explica que a cosmovisão africana expressa as mais diversas formas, mas existem valores que permitem identificar uma unidade, fios mais grossos que se destacam na teia circular da grande multiplicidade de expressões, é desses

valores comuns que tratamos quando usamos o termo no singular, sem, no entanto, negar a multiplicidade.

Figura 3 - Organização teórico-metodológica da Pretagogia



Fonte: Petit (2015)

A Pretagogia exige um mergulho dentro de si, para falar na primeira pessoa, de seu lugar, não somente numa linhagem biológica, mas sobretudo, marcadores culturais africanos e afrodiáspóricos. Expressando essa percepção, Petit aborda o conceito de Pertencimento afro, que engloba tanto as dimensões de parentesco como a ancestralidade propriamente cultural e sua autoafirmação. “Refletir sobre esses marcadores, identifica-los e valorizá-los de modo afirmativo como fontes para produção de conhecimento” (2015, p. 154).

Para Munanga, o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos negros, interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca. Concordo com o autor, pois essa memória não pertence somente aos negros, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, essa memória pertence a todos, diante das contribuições de

um na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005)

Figura 4- Pretagogia e os Marcadores das africanidades

A BUSCA PELA MINHA AFRICANIDADE				
História do meu nome/História da minha linhagem	Os Mitos/lendas/ o ato de contar/valorização da contação	Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade/ territorialidade negras	Saberes da minha infância - pratos, modos de comer e o valor da comida	Pessoas negras referências da minha família e da minha comunidade
O Cheiros "negros" significados	Curas/Práticas de saúde	Escrituras negras/Mestras e metres negras e negros	Cabelo afro - práticas corporais de afirmação e de negação dos traços negros.	Representação da África/Relações com a África
Festas afro da minha infância e festas de hoje	Lugares míticos e territórios afro marcadores	Músicas/cantos/toques/ritmos/ Danças afro/ Estilo-afro	Ritos de transmissão e ensino	Artesanato
Relação com o chão (vivências e simbologia)	Vocabulário afro/formas de falar	Religiosidade pretas	Relações com a natureza	Valores de família/Filosofia
			Formas de conviver/laços de solidariedade/relações comunitárias	Racismos (perpetrados e sofridos)
		Relação com os mais velhos (as)/Senhoridad e		

Fonte: Petit (2015)

Para reverter, portanto a negação histórica é essencial, de acordo com (PETIT, 2015, p. 148), "suscitar nas pessoas um sentimento de pertencimento à ancestralidade africana, elas precisam sentir-se negras, esse sentimento é transmitido principalmente por nosso corpo, pois ele é o guardião da nossa memória ancestral.

Dessa forma, há mais do que dificuldade de enxergar o negro, há sobretudo uma dificuldade de tomar par si, de apropriar-se da negritude com naturalidade, como resultado tanto de linhagem, história e memória, como de vivência, território e referência cultural.

### 3 METODOLOGIA

O referencial metodológico, conforme figura 5, se fundamenta na pesquisa qualitativa, investigativa de campo, permeada pelos procedimentos da pesquisa ação. Considero que “ a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 34).

Dessa forma, debruicei-me neste processo investigativo com a execução do curso de extensão “Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula”, realizado entre os meses de novembro e dezembro de 2023.

Figura 5 – Percurso Metodológico da pesquisa



Fonte: Autora (2024)

Os sujeitos incluídos na pesquisa são representados por 08 (oito) professoras autodeclaradas negras, identificadas com nomes de flores (Violeta, Rosa, Margarida, Camélia, Tulipa, Dália, Lírio e Lótus), que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da cidade de Bagé-RS.

Considerando a coleta dos dados necessários para a realização da pesquisa, organizei 4 instrumentos de coleta, conforme Apêndices A, B, C e D. É importante observar que, para a submissão e aprovação de um projeto de extensão no Sistema Acadêmico de Projetos (SAP) da Universidade Federal do Pampa, há necessidade de propor instrumentos de coleta de informações de forma obrigatória. Diante disso, articulei instrumentos que pudessem fomentar a coleta dos dados para a minha pesquisa e que também gerasse informações para a produção dos relatórios, obrigatórios, para a finalização do registro do projeto no Sistema.

A análise das informações foi realizada de acordo com a Análise textual discursiva à luz do referencial teórico em busca dos objetivos traçados e de resultados que pudessem responder ao problema desta investigação.

### **3.1 Detalhamento dos sujeitos incluídos na pesquisa**

O curso de extensão Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula reuniu, após encerramento das inscrições (Apêndice A), 26 professoras negras e não negras. Esclareço que o curso tinha como público-alvo professoras negras atuantes nos anos iniciais, porém, não restringia a participação de professoras não negras.

Durante a realização do curso, nos 4 encontros síncronos de 22/11 a 06/12 (houve a necessidade de alterar a data do último encontro que estava previsto no projeto para 02/12), houve a participação de 15 professoras, porém, para a conclusão do curso, de acordo com o protejo 2722 aprovado pela PROEXT, era necessário o preenchimento do formulário de avaliação do curso (Apêndice B) e a escrita da carta pedagógica (instruções apêndice D), dessa forma, 10 participantes concluíram o curso.

Das 10 cartas (escritas pelas concluintes do curso), 08 foram escritas por professoras autodeclaradas negras que aceitaram o convite para participar desta pesquisa realizando o preenchimento do instrumento – Apêndice C (anuência e aceite do TCLE e preenchimento do questionário organizado com perguntas abertas e fechadas), formando, portanto, o conjunto de sujeitos incluídos nesta pesquisa.

Trago as inferências de Minayo para destacar que este estudo lidou com seres humanos e por razões étnico-raciais, de gênero, profissionais e culturais, têm um substrato comum de identidade comigo, pesquisadora responsável, tornando-as solidariamente imbricadas e comprometidas. Ao escolher este grupo de estudo busquei dar legitimidade às nossas vivências, pois também sou professora da rede municipal de Bagé, enquanto professora negra em um espaço, a escola pública, onde as diferenças e desigualdades raciais, sociais e de gênero se fazem presente (MINAYO, 2007).

### **3.2 Organização dos procedimentos para a coleta dos dados**

O curso de extensão, Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, realizado em parceria com a Co-coordenadora Érica Cilene dos Santos Cardoso, minha querida amiga e companheira no Mestrado Acadêmico em Ensino, reuniu, em um espaço de integração, interlocução e interdisciplinaridade, professoras negras e não negras, atuantes em escolas públicas municipais de Bagé - RS, visando o debate sobre a abordagem metodológica Pretagogia: Pertencimento, CorpoDança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores da autora Sandra Haydée Petit.

Conforme Card de divulgação – figura 6, as inscrições foram realizadas, de forma online, no período de 06/11/23 a 17/11/23 totalizando, no final desta etapa, um total de 26 inscritas. A plataforma Google meet, a interação via e-mail e grupo no aplicativo whatsapp com as cursistas foi monitorada e intermediada por mim, coordenadora do curso durante o período estipulado, assim mantendo o aprofundamento e trocas sobre as temáticas abordadas. Foram realizados 4 encontros (22/11, 23/11, 24/11 e 06/12 - houve a necessidade de alterar a data do último encontro que estava previsto no projeto para 02/12). O curso de extensão totalizou 20 (vinte) horas para fins de certificação.

Figura 6 - CARD de Divulgação

**CURSO DE EXTENSÃO**  
**INSCRIÇÕES ABERTAS - 06/11 A 17/11**

**“PRETAGOGIA” - CONSTRUÇÃO DE SABERES  
NA PERSPECTIVA DO RECONHECIMENTO E DA  
VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA  
AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA EM SALA DE  
AULA**

**PÚBLICO: PROFESSORAS NEGRAS QUE ATUAM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE BAGÉ-RS**

**Curso Online e Gratuito**  
**Carga horária - 20h**

**Formadoras**



**Débora Rocha da Silva**  
Mestranda em Ensino - Unipampa  
Pedagoga - Pós-Realização de Graduação - Unipampa  
Professora Sala de Recursos - E.M.C-M.E.F. Dr. João  
Severiano da Fonseca.



**Érica Cilene dos Santos Cardoso**  
Mestranda em Ensino - Unipampa  
Coordenadora do Setor de Orientação Educacional  
SIMEB - Bagé

**INSCRIÇÕES ACESSE O LINK -**  
**<https://forms.gle/8t20qKh8oFGmjvaz7>**  
**OU APONTE CÂMERA PARA O QR CODE**



MESTRADO ACADÊMICO EM  
**ENSINO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS BAGÉ



Fonte: Autora (2023)

Conforme a figura - 7, adotei os procedimentos da pesquisa-ação neste estudo, pois a capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação, assim, esta pesquisa acompanha as ações de educar, comunicar e organizar. “As ações investigadas envolvem produção e circulação de informação, elucidação e tomada de decisões, e outros aspectos supondo uma capacidade de aprendizagem dos participantes. Estes já possuem essa capacidade adquirida na atividade normal” (THIOLLENT, 2022, p. 112).

Figura 7- Procedimentos da Pesquisa-Ação



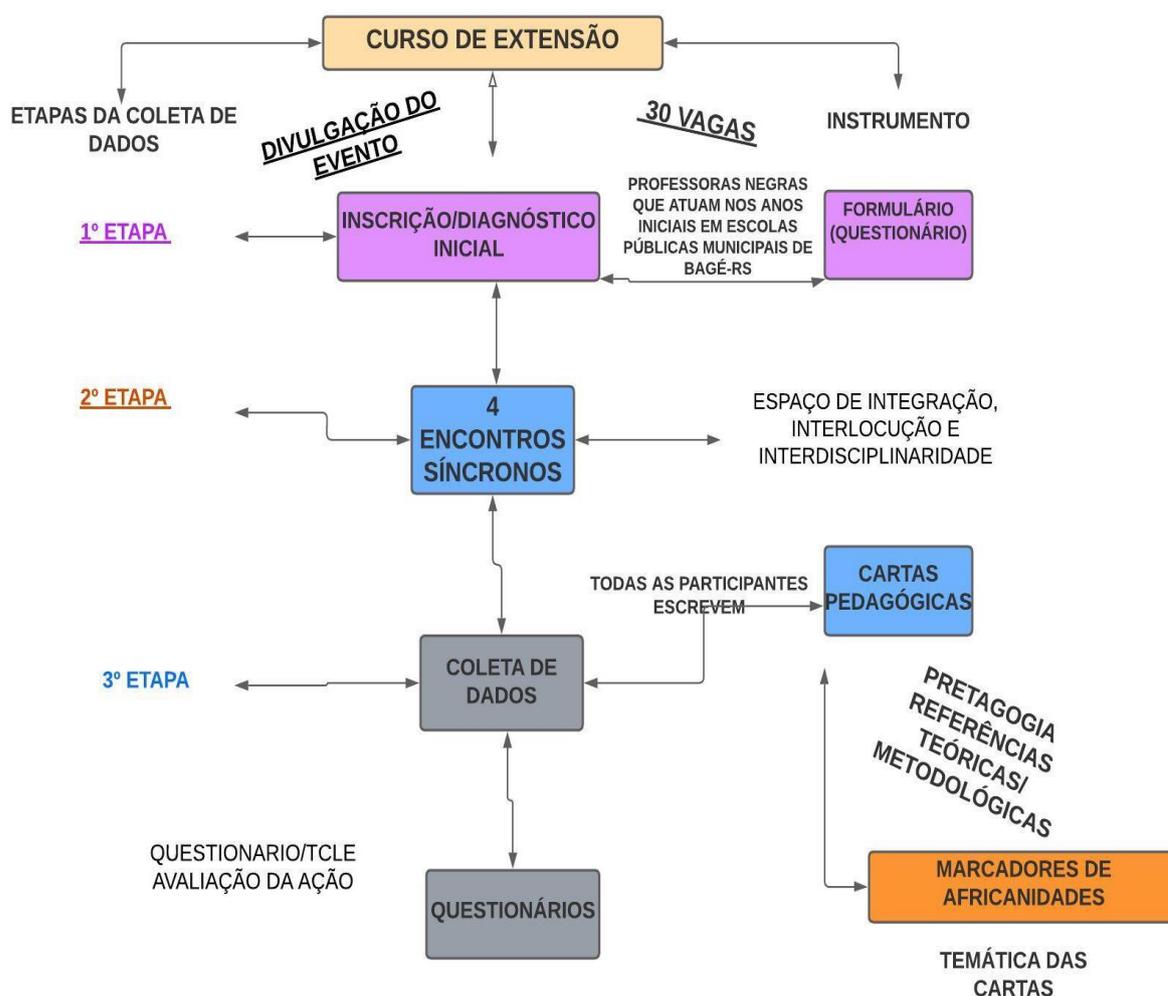
Fonte: Thiollent (2022)

De acordo com o autor, na sua formulação, um problema desta natureza é colocado da seguinte forma:

a) análise e delimitação da situação inicial; b) delineamento da situação final, em função de critérios de desejabilidade e de factibilidade; c) identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem de (a) a (b); d) planejamento das ações correspondentes; e) execução e avaliação das ações. (THIOLLENT, 2022, p. 90)

Em suma, para corresponder ao conjunto dos seus objetivos, a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação. A ação corresponde ao que precisa ser feito ou transformado para realizar a solução do problema levando em conta o aspecto sociocultural do seu contexto de uso. (THIOLLENT, 2022)

Figura 8 - Detalhamento do Curso de Extensão - Etapas da coleta de dados



Fonte: Autora (2023)

Em consonância com o principal instrumento de coleta de dados desta investigação, Ana Lucia de Souza Freitas no artigo “Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento”, reitera o legado de Paulo Freire. Considero que o desafio de exercer freireanamente o diálogo através das “Provocações” e validar as compreensões em construção a respeito das experiências no âmbito da formação docente foi alcançado de forma inimaginável. (FREITAS, 2021)

Nesse sentido, faço do questionamento da autora o meu também, o que caracteriza uma Carta Pedagógica? Ana Lúcia explica que as Cartas Pedagógicas proporcionam e evidenciam o potencial emancipatório e faz da escrita mais uma alternativa de diálogo. Para a autora, “a escrita de uma Carta Pedagógica jamais poderá ser uma ação exclusivamente técnica, diz respeito a um modo de dizer sua

palavra, por escrito, assumindo posição e convidando ao diálogo” (FREITAS, 2021, p. 7).

Adriana Gaio e Fernanda Paulo no livro “*Cartas Pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular*” salientam que o trabalho com essa forma de documento auxilia no processo de lembrar as vivências e o registro dessas memórias. “A Carta é um gênero textual que permitiu a comunicação entre educadores, e torna-se pedagógica porque possui elementos que a caracterizam como tal” (GAIO; PAULO, 2020, p. 76)

Dessa forma, as Cartas Pedagógicas assumem o diálogo através da provocação, reconhecendo que a experiência de dizer a sua palavra, assim como a de saber escutar, é produto e produtora das ações crítico-reflexivas compartilhadas. Assim, para Freitas (2021):

Considera-se que a qualidade pedagógica de uma carta pode ser compreendida em dois sentidos: num sentido amplo, diz respeito à intencionalidade da escrita como prática crítico-reflexiva, compartilhamento de experiências e saberes e convite ao diálogo; num sentido específico, refere-se às múltiplas finalidades que podem lhes ser atribuídas, em diferentes contextos de ensino, pesquisa, extensão e gestão – no âmbito acadêmico – ou em outros espaços educativos. Assim, os elementos que a constituem incluem os que caracterizam o gênero carta, mais os aspectos pedagógicos específicos relacionados a cada contexto de proposição da escrita, sem perder de vista o sentido político a que se destinam. (FREITAS, 2021, p. 7)

Diante disso, as cartas pedagógicas tiveram a função de reunir os dados para responder ao problema desta investigação. A Pretagogia, abordagem teórico-metodológica, foi o focal do trabalho desenvolvido no curso de extensão proposto e, ancorado pelo processo pedagógico trabalhado nas etapas do curso, as professoras utilizaram como temática para a escrita das cartas, a necessidade de nós afrodiáspóricos aceitarmos nossa herança africana como parte do processo de resgate da identidade coletiva, proponho como tema para sua escrita um diálogo imbricado por teus olhares, opiniões, histórias de vida, práticas sociais e experiências como professora negra que atua na educação básica, Conforme Apêndice D.

### **3.3 Procedimento de análise dos dados**

A análise dos dados foi realizada através da Análise textual discursiva. De acordo com Moraes e Galiazzi, a fase da análise de dados e informações constitui-se em momento de grande importância para o pesquisador especialmente numa pesquisa de natureza qualitativa (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Procedimento de análise dos dados, desvelo que iniciei com a Unitarização, processo de desmontagem dos textos, cartas pedagógicas e questionários utilizados como instrumentos de coleta de dados. Destacando seus elementos constituintes, eu como pesquisadora, precisei estar atenta à validade das unidades que produzi. Constatando, neste sentido, a importância da solidez do meu objeto de investigação, pois, para Moraes e Galiazzi, “os objetivos da investigação, o problema e as questões de pesquisa ajudam a construir essa validade” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 137)

Depois da realização da Unitarização, articulei os significados semelhantes ao classificar as unidades de análise resultando na Categorização, neste processo, destaquei em cada uma delas um aspecto específico e importante para desvelar os fenômenos investigados. Cada categoria correspondeu a um conjunto de unidades de análise que se organizou a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. (MORAES; GALIAZZI, 2016)

E, com base na categorização, construí a estrutura de compreensão e de explicação dos fenômenos investigados. Procurarei encaminhar uma Unitarização e Categorização rigorosas para a validação e representação dos meus metatextos aos fenômenos investigados, para isso, combinei descrição e interpretação fazendo um esforço para expressar intuições e entendimentos a partir da intensa interação e análise do *corpus*. Compreendo que este fenômeno é inacabado, sendo necessário retomar periodicamente os entendimentos já alcançados, sempre na perspectiva de procurar mais sentidos. (MORAES; GALIAZZI, 2016)

Nesse sentido, a análise textual discursiva permitiu, a partir das informações contidas nos instrumentos, respostas dos questionários aplicados e cartas pedagógicas escritas pelo grupo de professoras negras participantes do curso de Pretagogia: construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula analisar, avaliar e compreender a influência das narrativas das professoras negras na sua prática pedagógica.

## **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Neste capítulo, busquei explorar as informações, contidas nos instrumentos, utilizando como suporte essencial os procedimentos da análise textual discursiva. De modo a responder os objetivos da pesquisa e com base na categorização delineada, construí a explicação, combinando descrição e interpretação, dos fenômenos investigados.

### **4.1 O Perfil das professoras negras que atuam nos anos iniciais e o delineamento de suas experiências no processo de emancipação**

De acordo com o Censo Escolar 2023 – Estatística da Educação Básica (2023), o município de Bagé possui um total de 770 docentes que atuam no Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais), deste total, 435 atuam nos Anos Iniciais em escolas do município. É importante ressaltar que nos documentos disponibilizados pelo Censo Escolar há informações sobre o total de docentes do sexo feminino e masculino - 675 e 95 - respectivamente, porém, não detalhamento étnico destes docentes, dessa forma, impossibilita-se a contabilização do número de mulheres negras por município da Federação no Ensino Fundamental. Ao entrar em contato com o responsável pelo Setor de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação e Formação Profissional - SMED, fui informada que não há também estes filtros – mulheres negras - na relação de docentes, porém, afirmou que será solicitado.

Trago em apoio a essas inferências, a Lei Municipal nº 3.938/2002 onde fica assegurado à Pessoa Afrodescendente, inscrita e aprovada com o resultado final homologado, o percentual de 20% (vinte por cento) das vagas, por cargo, disponíveis e das que vierem a surgir no decorrer da validade dos Concursos Públicos na cidade de Bagé-RS. Conforme Edital de nomeação nº 07/2023 realizado pelo Edital nº 01/2019 e prorrogado pelo Edital nº 07/2022 (concurso público em vigência no município) para o cargo de Professor de Anos Iniciais já foram nomeados 68 professores no geral e 14 professores no grupo dos afrodescendentes.

Diante dessas informações, se a Lei Municipal nº 3.938 foi aprovada em 2002 e após 22 anos de concursos públicos do município de Bagé com nomeações para o grupo dos afrodescendentes, cabe questionar: Porque ainda não há um mapeamento

sobre as professoras negras que ingressaram no serviço público municipal para o cargo de professor de Anos Iniciais? Percebo, então, a necessidade, assim como Grada Kilomba, de analisar o fenômeno que atravessa várias concepções de "raça" e de gênero, pois nossa realidade só pode ser abordada de forma adequada quando esses conceitos são levados em conta. Formas de opressão não operam em singularidade, elas se entrecruzam. Nesse sentido, "o impacto simultâneo da opressão "racial" e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas" (KILOMBA, 2019, p. 98).

Para Nilma Lino Gomes, narrar a trajetória escolar das professoras negras é narrar a própria trajetória das mulheres negras, é aproximarmos da escola, dos valores, dos saberes, das representações e éticas que se aprendem, transmitem e vivenciam na instituição escolar. As mulheres negras e professoras revelam lembranças de atitudes racistas na sua infância, na rua, na escola, na vida profissional. Mas como interpretam? Como preconceito? Como discriminação racial? Como atitudes inatas? Ou construídas historicamente? (GOMES, 1995, p. 58)

Dessa forma, perpetua-se a profunda alienação, ao longo da história, a respeito de nós mesmos e de nossa autoimagem. Neste momento histórico em que pessoas negras, que estudam e refletem para atuar na esfera de formação de saberes, começam a se confrontar com as distorções em todos os níveis em que foram largamente alimentadas. "Um resgate, é exatamente essa palavra. Um resgate lento e gradual daquilo que fomos e que podemos retomar para continuar sendo". (BERTH, 2020, p. 114)

Propondo esse resgate e adentrando nas práticas biográficas, descrevo o perfil das professoras negras sob a ótica das novas perspectivas diante da constituição da identidade das mulheres negras enquanto docentes, dessa forma, apresento abaixo, o perfil das professoras negras pesquisadas.

O conjunto de professoras negras, possui idade entre 30 e 64 anos; 3 tem formação inicial no curso de Magistério (modalidade normal), 3 são formadas em Licenciatura em Pedagogia, 1 em Licenciatura em letras e 1 em Licenciatura em Matemática. Apurou-se que 3 professoras concluíram sua formação inicial em Instituições Privadas, 5 professoras em Instituições Públicas. Quanto a sua maior titulação, todas possuem a maior titulação em nível de Especialização. Neste grupo

de professoras negras, o tempo de atuação na docência está entre 10 e mais de 15 anos de atuação.

Considerando, dessa forma, o perfil desse conjunto de professoras negras, trago para corroborar com minhas percepções, a visão de Goodson sobre a nova constituição da maneira de encarar o desenvolvimento destas professoras, visto que, para o autor, o estudo sobre suas histórias de vida, deverá orientar as relações de poder subjacentes às vidas deste grupo de mulheres, assim, a investigação educacional qualitativa permite ouvir o que elas têm para dizer, respeitar e tratar os dados que são introduzidos nas narrativas (GOODSON, 2013).

Então, como movimento metodológico, concordo com Nóvoa, pois as histórias de vida presentes nas cartas pedagógicas concretizam a urgente necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico. “É inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexos extremamente estimulantes e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramento conceituais e metodológicos” (NÓVOA, 2013, p. 19).

A pesquisa de campo permitiu contemplar, de acordo com a localização das escolas que as professoras negras atuam, todas as zonas da cidade de Bagé-RS. Ao analisar as experiências descritas nas cartas pedagógicas, pude perceber que critérios elencados no instrumento de coleta de dados para formar o perfil do grupo de professoras negras, não foi um fator preponderante na escrita das cartas, dessa forma, descrevo as vivências das professoras Lírio e Margarida, respectivamente, como referência e suporte às análises neste estudo:

Fiz Magistério, sempre quis ser professora, gosto de ensinar. Então, foi a minha escolha. Segui aqueles passos tradicionais de quem não é herdeira e sim filha de trabalhadores. Cursei Magistério e na minha turma, éramos 4 negras. Todas, hoje são professoras da Rede Municipal. Formei-me no magistério, fiz Letras e as surpresas voltaram a me acompanhar, pois mais uma vez, era a única aluna negra da turma de Letras em uma Universidade Privada. (PROFESSORA LÍRIO)

Sou professora na rede pública municipal a mais de vinte anos e todos meus esforços para gerar um único debate entre colegas, logo cai para o escárnio e o menosprezo. Imagina sugerir um projeto específico com o tema?

Nossa especialização no assunto assim como engajamento em causas de mesma natureza amplia e propaga a luz do conhecimento a indivíduos que

nunca foram levados a pensar de outra forma. (PROFESSORA MARGARIDA)

Relacionando esses dois cenários, percebo, assim como Djamila Ribeiro, que falar a partir dos relatos de mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro. Percebe-se, diante disso, a necessidade de entender a realidade que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. “Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2021, p. 60).

É fato que o feminismo negro ou movimento de mulheres negras, dentro das lutas feministas, foi responsável pelo resgate conceitual e resignificação do empoderamento da mulher negra. Para as professoras negras, nesta pesquisa, o papel do movimento feminista negro foi essencial na luta pelos direitos sociais, políticos e culturais da mulher negra no Brasil, porém, apenas uma professora declarou sua participação em movimentos feministas negros em sua trajetória. Dessa forma, percebo que tenho objetivos em comum com Joice Berth, principalmente, no desejo em desvelar as contribuições do feminismo negro para que tenhamos um “entendimento profundo dos caminhos da História, bem como dos princípios norteadores de novas ações e posturas que visam à equidade como potencial eliminador das opressões” (BERTH, 2020, p. 62).

Em consonância, Grada aborda a descolonizando mulheres negras ao descortinar a invisibilidade dessas mulheres, dessa forma, analisando a necessidade provocação sobre as reivindicação de feministas negras, busco na autora a explicação, pois não tenho o objetivo de classificar as estruturas de opressão de tal forma que mulheres negras tenham que escolher entre a solidariedade com homens negros ou com mulheres brancas, entre "raça" ou gênero, mas ao contrário, assim como Grada, meu objetivo, ao descrever as vivências das professoras Tulipa e Camélia, bem como das demais no decorrer desta análise, é tornar nossa realidade e experiência visíveis tanto na teoria quanto na história. (KILOMBA, 2019)

Acredito que, ao promover um ambiente que celebre a diversidade, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Não lembro na minha trajetória acadêmica ter o privilégio de ter tido uma professora negra. Porém, na minha trajetória de magistério, convivi com excelentes professoras com as quais muito aprendo a ser, a agir e a fazer, e

que muito tem contribuído para a educação com meio de transformação e evolução da humanidade. (PROFESSORA TULIPA)

Como mulher negra na sociedade vou relatar um momento que passei por discriminação na minha infância. Fui estudar em uma escola bem conhecida na cidade de Bagé, a Fundação Bradesco, com 06 anos de idade para a 1<sup>o</sup> série como era chamada antigamente, há mais de 40 anos. Alguns colegas de classe não se sentavam comigo na hora do recreio e eu entendo que durante muito tempo fomos comparados com as meninas brancas pelo fato que de a gente não ter um cabelo liso e não ter traços da mulher branca. Eu sei que sempre foi muito difícil pra gente porque nós nos cobramos, quando a gente fala da mulher negra na educação desde a infância somos ignorados pelo grupo escolar, mas com o passar do tempo fui ficando com mais consciência que a cor da pele não importa, o que realmente importa é o que nós sentimos e fazemos. Mas perante a sociedade existe um grande preconceito em relação a cor da pele. (PROFESSORA CAMÉLIA)

Considerando estas vivências, busquei alicerce na professora Ceila Almeida para afirmar que “as expressões racistas e sexistas provocam injustiças de natureza cultural e econômica, atingindo a autoestima, autorrespeito e a plena satisfação dos direitos fundamentais civis, políticos, sociais, econômicos e culturais das mulheres negras” (ALMEIDA, 2020, p. 9). Acredito, de forma inegável, que a mulher negra tem a efetivação de sua cidadania e dignidade afetada por práticas oriundas das opressões racistas e sexistas, que constroem e fundamentam os instrumentos ideológicos de dominação do patriarcado e do racismo sendo necessário, portanto, a continuidade no processo de emancipação possível das mulheres negras.

#### **4.2 Educação antirracista: docência, racismo, identidade e práticas pedagógicas**

A educação é concebida como instrumento que adapta os indivíduos a uma ordem econômica e social, vigente, com a finalidade de transmitir um conhecimento definido pelo poder político dominante em seu benefício. Nesse viés, Eunice Léa de Moraes (2021) afirma que a educação é marcada, geralmente, pela ausência da tríade ação-reflexão-ação sobre as inter-relações étnico-raciais e de gênero no projeto político-pedagógico escolar nas maiorias das escolas.

Comparando essa concepção com a meta proposta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, documento orientador do ano de 2004: promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo

à construção de nação democrática, posso afirmar que há uma desconexão entre os objetivos propostos pelas Diretrizes e o entendimento do Sistema Municipal de Educação quanto às proposições de formação, orientação, discussão e efetivação do reconhecimento, valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira.

Percebam as conexões presentes entre as vivências das professoras negras Margarida, Violeta, Dália e Tulipa e as desconexões existentes entre a educação e as relações com a identidade negra:

Carta aos meus anseios e desejos mais verdadeiros e conscientes de contribuir para uma sociedade efetivamente antirracista. Ao nos depararmos diariamente com absurdos de intolerância, falas, ações, olhares racistas me deixam com gana de participar do processo de formação de cidadãos que pense de forma antirracista e tenham ações antirracistas. (PROFESSORA MARGARIDA)

Vejo a escola agir como expectadora de ações. Dizem para fazer, mas não oferecem estrutura teórica ou propostas com conhecimento. As ferramentas de referência, como personagens, imagens, mapa, livros, enfim, documentos de informação são ofertados a “meia boca”, sem o profundo conhecimento de causa. Por outro lado, esbanjam, nas alegorias, tamanhos, formas, caricaturadas, mas sem focar na verdadeira cultura e seus personagens. Foi necessário derrubar os muros para aprender e revelar a verdade vinda da Terra-mãe, elucidando o propósito de nossos ancestrais, desmistificando sua trajetória e seu legado. Não houve escravos, mas uma nação que foi escravizada, porém não sucumbiu. (PROFESSORA VIOLETA)

Podemos dizer que houve avanços, a atual diretora da escola que estudou em um curso de História e percebeu a importância de falarmos sobre o assunto na escola. A secretaria municipal trouxe o tema sobre relações étnico-raciais na escola para que atividades fossem desenvolvidas durante o mês de novembro, uma das professoras que é negra veio com um vestido de estampa africana e ainda realizou atividades que envolviam comida, vestimenta, cultura, etc.

Durante todo o período escolar eu percebo que as atividades sobre a cultura africana somente são desenvolvidas durante o dia da Consciência Negra ou durante a semana que antecede este dia. Nas formações escolares, quanto é solicitado ideias a serem trabalhadas durante o ano, a cultura negra nunca é citada.

Falar sobre a história africana é falar sobre o início de tudo e da própria civilização. É lá que foi reconhecida a primeira escrita, foram edificadas as pirâmides e as primeiras universidades. Por isso, precisamos de este a História da cultura africana e afro-brasileira tenha uma amplitude maior e que perpassa por todas as áreas do conhecimento, pois temos muito de África dentro de nós que nem imaginamos. (PROFESSORA DÁLIA)

Reiterando essas proposições, é necessário refletir sobre as colocações de Jeruse Romão, pois na escola, os alunos recebem cotidianamente estímulos negativos em relação a sua cultura e, sobretudo, sua personalidade cultural e étnica. Para a autora, todos os docentes devem apresentar atitudes que compactuem com as propostas metodológicas antirracistas, como: compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas, compreender que um grupo cultural racial, étnico, econômico, regional, além de estimular o desenvolvimento dos alunos em seu conjunto, observando os aspectos emocionais, cognitivos, físicos e culturais. “É necessário romper com os preconceitos e estereótipos, rejeitar estigmas e valorizar a história de cada um” (ROMÃO, 2001, p. 162)

Dessa forma, Nilma Lino e Petronilha Beatriz propõem a articulação das questões levantadas por autores que privilegiam a relação entre a formação de professoras, os saberes, os valores, a cultura e as histórias de vida, que ultrapassa a simples questão curricular (GOMES; SILVA, 2011). Legitima-se, nesse processo, a necessidade de qualificação docente para que sejam capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais

Compartilho minha carta pedagógica, falando de minhas experiências com a herança, valorização e respeito pela identidade negra. Busco incorporar a diversidade de perspectivas, destacando contribuições significativas da cultura africana e afrodescendente.

Ao criar um ambiente inclusivo, estimo a compreensão das diferentes narrativas, promovendo respeito e valorização da identidade negra. Acredito que ao reconhecer e celebrar nossa herança, construímos uma educação mais enriquecedora e justa para todos.

Por muito tempo na minha prática como professora ao trabalhar sobre africanidade (que acontecia por ter datas específicas para serem trabalhadas com alunos) dia da consciência ou abolição da escravatura, era reproduzir de forma velado e inconsciente exclusão.

Felizmente certa vez na escola houve uma palestra sobre a contribuição do povo africano na formação do Brasil, mas antes de falar sobre o trabalho escravo, foi falado da riqueza, da cultura da enorme importância, e o quão necessário para a humanidade. Então, comecei a ler mais sobre o assunto. Era de urgência rever e desconstruir, construir e refletir sobre a minha responsabilidade e prática como educadora e formadora de sujeitos reflexivos, críticos e atuantes na sociedade.

Passei então a integrar materiais educativos que abordam a negritude de maneira positiva, atividades pedagógicas com a riqueza cultural, diálogos na turma para expressarem seus pensamentos e se perceberem na diversidade. A diversidade é uma riqueza que enriquece nossa sociedade, e reconhecer e abraçar a negritude é fundamental para criar um ambiente inclusivo. (PROFESSORA TULIPA)

Tudo começou em 2018 quando minha orientadora educacional fez uma formação de professores que se chamava: A África que nos constitui que

trouxe vários contextos da história da África e de como trabalhar na escola esse tema de forma desconstruída e como tarefa para casa pensar em uma atividade sobre a África para trabalhar na sua disciplina.

Então sobre este novo contexto de fazer uma atividade com os alunos que convide eles a olhar a história da África com outros olhos, além do que os livros didáticos oferecem, na intenção de valorizar a cultura africana e ver os escravizados como fundantes do nosso país, fui para casa com aquela pulga atrás da orelha pensando o que eu ia fazer na minha disciplina.

Fiz diversas pesquisas e achei o tema jogos africanos que envolviam a Matemática, cultura africana e raciocínio-lógico como eu não tinha um conhecimento sobre o assunto, escolhi quatro jogos para estudar que foram a Mancala, Shisima, Yoté e Fanorona. Pedi para minhas turmas formar quatro grupos e fiz o sorteio dos temas para cada grupo pesquisar, apresentar e confeccionar os jogos com materiais recicláveis. (PROFESSORA LÓTUS)

Reforço, assim como Nilma Lino Gomes, a necessidade de estabelecermos relações entre a educação e a identidade negra, pois há um desafio a se pensar, a construção de uma pedagogia da diversidade. Por isso, torna-se imprescindível afirmar que: “durante anos, a sociedade brasileira e a escola distorceram e ocultaram a real participação do negro na produção histórica, econômica e cultural do Brasil, e, sobretudo, questionar os motivos de tal distorção e de tal ocultamento” (GOMES, 2002, p. 43).

Temos a certeza que a escola é um dos espaços que interferem na construção da identidade negra, pois, a educação sendo entendida como um processo contínuo, conclui-se também que a identidade negra é construída durante a trajetória escolar. Nesse sentido, para todas as professoras negras, o racismo estrutural está presente em suas vivências no ambiente escolar e argumentam:

Sem dúvida, e isso podemos notar na organização dos projetos, nos quais muitos nem sequer levam em consideração um trabalho interdisciplinar com a cultura negra. Falam sobre autismo, deficiências, enfim. Fora o currículo que não está moldado para trabalhar com esta cultura. (PROFESSORA DÁLIA)

A dificuldade de alguns pais aceitarem a professora negra do filho, a diretora negra da escola. (PROFESSORA LÍRIO)

Currículo, Socialização, a falta da valorização de seus saberes. Procuo fazer com que os alunos entendam seu lugar de pertencimento enquanto negros, entendendo que nossas origens e ancestralidade são orgulho para o nosso povo e não a humilhação ou vergonha. Tem alunos que não querem se identificar como negros/as pela única história que conhecem do seu povo: a escravidão. (PROFESSORA MARGARIDA)

Os lugares de destaque ainda são de pessoas brancas. As oportunidades de trabalho para o negro muitas vezes são negadas. Ainda existem países que não aceitam ter um professor negro dando aula para seus filhos. Para uma parte da sociedade, negro só serve para lavar privada e ainda tem uma outra parte que finge gostar, tratar igual para não se comprometer, a verdade é que

o racismo está na mente de quem ainda não evoluiu. (PROFESSORA CAMÉLIA)

Deixo acentuado neste trecho que o elemento norteador para uma construção sólida e significativa da identidade dos alunos negros é a proposição da educação como prática para liberdade. Acredito assim como Bell Hooks que “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2013, p. 25).

Para Nilma Lino Gomes, “o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las” (GOMES, 2002, p. 39). Proponho, portanto, reafirmar a importância da discussão sobre a questão racial e como esse tema assume seu papel na vida pessoal e profissional de nós mulheres, professoras negras e o quanto se faz necessário discuti-los na escola.

#### **4.3 A Pretagogia pode ser uma ferramenta pedagógica antirracista na atuação docente em sala de aula**

O fundamento principal da abordagem metodológica Pretagogia é valorizar as contribuições pedagógicas e filosóficas da matriz africana para a prática educacional. Considerando as proposições feitas pelas professoras negras durante a pesquisa, há unanimidade no que tange a utilização desta metodologia como ferramenta pedagógica antirracista na atuação pedagógica em sala de aula. “É importante evidenciar que a Pretagogia exige um mergulho dentro de si, para falar na primeira pessoa, de seu lugar” (PETIT, 2015, p. 153).

Ela virá resgatar todos os valores da África que estão adormecidos ou por que não dizer presos dentro do preconceito de nossa sociedade. (PROFESSORA TULIPA)

Através da Pretagogia é possível promover a autoestima das pessoas negras e proporcionar estudos que valorizem o conhecimento africano que os livros didáticos não contam. (PROFESSORA LÓTUS)

Os alunos precisam saber sobre o que a África tem em cada um, uma vez que mais da metade da população é negra fora os não declarados. (PROFESSORA DÁLIA)

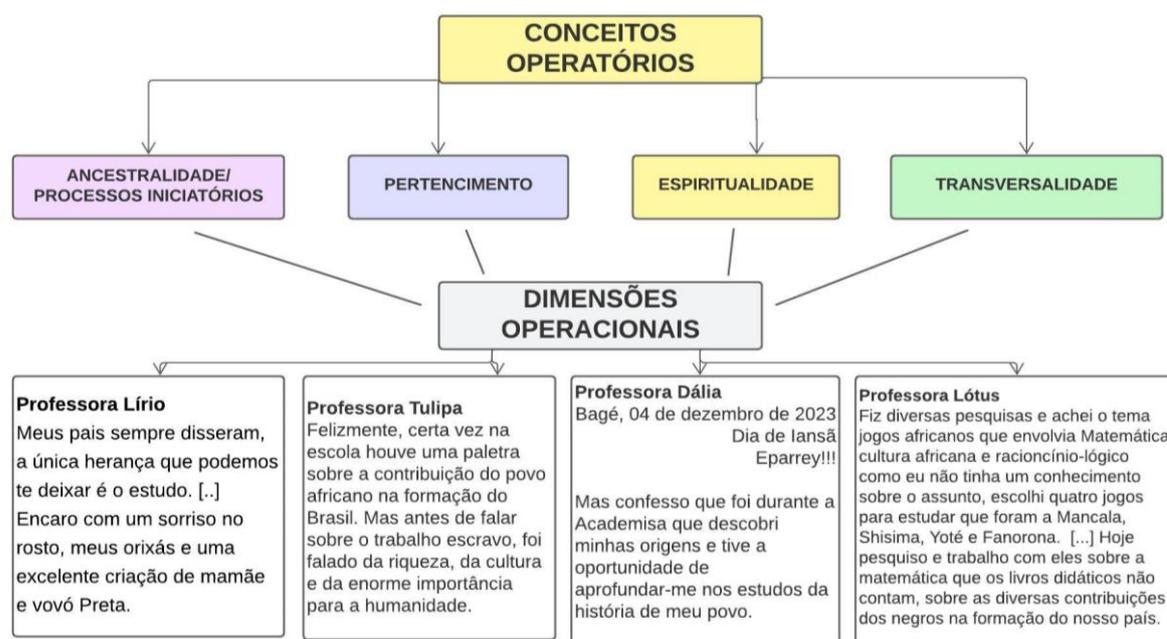
Conscientizar os alunos e a sociedade que sim estamos ali, podemos ser professoras, médicas, etc. (PROFESSORA LÍRIO)

Quanto mais for inserido as questões étnico raciais no contexto pedagógico, mais fácil será a aceitação, por outro lado muitas pessoas simplesmente não simpatizam com a raça negra, sem nem saber o porquê é muito menos a origem. (PROFESSORA MARGARIDA)

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos negros, interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca. Concordo com o autor, pois essa memória não pertence somente aos negros, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, essa memória pertence a todos, diante das contribuições de um na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005)

Na Pretagogia, Sandra expressa a importância da cosmovisão africana e a existência de valores que permitem identificar uma unidade, fios mais grossos que se destacam na teia circular da grande multiplicidade de expressões, é desses valores comuns que tratamos quando usamos o termo no singular, sem, no entanto, negar a multiplicidade. Considerando as vivências e experiências Pretagógicas de das professoras negras pesquisadas (figura 10), defendo, assim como Sandra, que a Pretagogia é o instrumento basilar na missão de desvelar a história e cultura africana negada pelo Ocidente, portanto, é fundamental conhecer os valores da cosmovisão e, as expressões das tradições orais, identificar nelas os marcadores de africanidades e extrair desses valores e das práticas corporais envolvidas, inspirações concretas para a didática em sala de aula” (PETIT, 2015, p. 178).

Figura 9– Vivências e Experiências Pretagógicas



Fonte: Autora (2023) adaptado de Petit (2015)

Considerando os marcadores culturais africanos e afrodiaspóricos que expressados na Pretagogia, Sandra Petit aborda o conceito de Pertencimento afro, que engloba tanto as dimensões de parentesco como a ancestralidade propriamente cultural e sua autoafirmação. “Refletir sobre esses marcadores, identifica-los e valorizá-los de modo afirmativo como fontes para produção de conhecimento” (PETITI, 2015, p. 154).

Quando associo os marcadores de Sandra com a concepção da Diáspora Africana de Nei Lopes, podemos, de forma inegável, visualizar participação da matriz africana na formação da sociedade brasileira e na civilização universal, “todo descendente de negro-africanos, com qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada historicamente, é, então, um registro da presença africana no mundo, desde sempre. Negro é os seus matizes” (LOPES, 2004, p. 20).

Em 2019, deixei tema livre e além dos quatro jogos que eu conhecia os alunos trouxeram outras opções, eles me surpreenderam muito, foi um trabalho maravilhoso, fiquei muito feliz de ver a empolgação, a autonomia, o interesse deles em fazer o trabalho. Em 2020 ano de pandemia fizemos um trabalho online com mensagens, mural de recados, poesias e os alunos postaram um vídeo e fotos do jogo que eles confeccionaram jogando com alguém da família. Em 2021 os alunos pesquisaram jogos matemáticos negros que se destacaram e assistimos o filme Estrelas além do tempo no auditório em Santa Teresa que conta a história real de três mulheres negras que trabalharam na NASA e participaram ativamente do lançamento do

astronauta John Glenn em órbita, uma realização que restaurou a confiança na nação, incentivou a corrida espacial e estimulou o mundo. Em 2022 o tema novamente foi livre e o que se destacou foi as alunas do 9º ano que submeteram um trabalho no 6º Encif com a prática que elas escolheram para apresentar na sala de aula e depois foram convidadas a participar da 4ª edição do Sarau Afro levando um pouco do trabalho que desenvolvemos na escola. Em 2023, ingresso como mestrandia na Unipampa (Universidade Federal do Pampa), onde fui apresentada aos conceitos de colonialidade e decolonialidade, que me abriram um leque de possibilidades de atividades com os alunos, hoje pesquiso e trabalho com eles sobre a matemática que os livros didáticos não contam, sobre as diversas contribuições dos negros na formação do nosso país, práticas pedagógicas que estimulam eles a discutir e refletir uma educação antirracista dentro da sala de aula, não só no mês de novembro, mas durante todo ano. (PROFESSORA LÓTUS)

A importância de transmitir e documentar a riqueza da herança africana contribui não apenas para uma preservação cultural, mas para uma resistência de estereótipos e para construção de uma narrativa mais inclusiva e autêntica a educação. Assim fortalecendo a identidade coletiva, promovendo o respeito. Percebo a necessidade de discutir e promover uma maior aceitação e compreensão das raízes da afrodescendência em nosso ambiente educacional.

Apoiar a representatividade do profissional negro na educação é responsabilidade de todos nós. A mudança requer esforços contínuos de todos os envolvidos no processo educacional. Com certeza a educação é libertação. (PROFESSORA TULIPA)

Em algum tempo desse universo surgiu uma Débora para informar e formar cidadãos conscientes de seu papel, de serem verdadeiramente humanos, pretos ou não. Eu, professora há mais de 30 anos, ainda vejo, passos indecisos, terrenos arenosos para despertar a “Consciência Afro-brasileira”. Falta principalmente conhecimento e decisão. Leis foram criadas para serem documentos de gaveta, pois não fazem parte do universo escolar, não são discutidos na comunidade, não são mencionados nos PPPs, currículos ou documentos que embasam a trajetória letiva escolar. Sabes Débora, desejo ardentemente que esse curso seja apenas o início, o primeiro na construção de um lugar de fala. Que seja com diz a música “um sorriso negro, um abraço negro, a voz da verdade, a raiz da liberdade”. Eu vejo em ti, querida aluna, esse novo universo, construído com muito estudo e sabedoria, galgando passo a passo com precisão e que cresça e se esparrame. (PROFESSORA VIOLETA)

No entanto, para grande parte das professoras negras, nesta pesquisa, os marcadores de africanidades não estão presentes no cotidiano escolar, contudo, quando analisamos as vivências descritas nas cartas podemos encontrar elementos que, para a Pretagogia, são considerados como marcadores. Organizei alguns recortes destas escritas na figura 10 abaixo:

Figura 10 - O encontro com a africanidade na sala de aula

## O ENCONTRO COM A AFRICANIDADE NA SALA DE AULA

Assistimos o filme *Estrelas além do tempo* no auditório em Santa Teresa que conta a história real de três mulheres negras que trabalharam na NASA e participaram ativamente do lançamento do astronauta John Glenn na órbita, uma realização que restaurou a confiança na nação, incentivou a corrida espacial e estimulou o mundo.

As alunas do 9º ano submeteram um trabalho no 6º Encif com a prática que elas escolheram para apresentar na sala de aula e depois foram convidadas a participar da 4ª edição do Sarau Afro levando um pouco do trabalho que desenvolvemos na escola.

Eu, professora há mais de 30 anos, ainda vejo, passos indecisos, terrenos arenosos para despertar a “Consciência Afro-brasileira”.

Práticas pedagógicas que estimulam eles a discutir e refletir uma educação antirracista dentro da sala de aula, não só no mês de novembro, mas durante todo ano.

Percebo a necessidade de discutir e promover uma maior aceitação e compreensão das raízes da afrodescendência em nosso ambiente educacional.

Leis foram criadas para serem documentos de gaveta, pois não fazem parte do universo escolar, não são discutidos na comunidade, não são mencionados nos PPPs, currículos ou documentos que embasam a trajetória letiva escolar.

Eu vejo em ti, querida aluna, esse novo universo, construído com muito estudo e sabedoria, galgando passo a passo com precisão e que cresça e se esparrame.

Fonte: Autora (2024)

Diante desse cenário, concordo com Isabel Aparecida, pois acredito que é tarefa da escola fazer com que a história seja contada a mais vozes e escrita por mais mãos sendo “necessário romper o silêncio a que foram relegados negros e índios na historiografia brasileira, para que possam construir uma imagem positiva de si mesmo” (SANTOS, 2001, p. 107). A missão da abordagem afrocentrada é desvelar e estudar a produção africana negada por um Ocidente que se autodominou o único dono da ciência, além de levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento.

Encerro a análise desta pesquisa com a percepção de que nós, professoras negras podemos, com o apoio da Pretagogia, levantar discussões sobre o lugar dos negros e negras na sociedade e fomentar a luta para romper com a visão única que sempre nos foi imposto, pois acredito em nossa verdadeira liberdade para ser o que somos.

## 5 CONCLUSÃO

Eu sempre acreditei na força da minha pesquisa, mas agora, ao finalizá-la, descrevo os resultados desta potente, desafiadora e transformadora fonte de reflexão sobre as vivências e narrativas de mulheres negras na docência, com vários sentimentos conflitantes: alegria, alívio, emoção. Aproveito para agradecer às mulheres negras e não negras que me encorajaram a continuar, mesmo com todos os obstáculos e empecilhos colocados em minha vida.

Acredito que os diálogos coletivos, construídos no decorrer do curso de extensão, com outras mulheres negras em destaque e relevância nacional, como Djamila Ribeiro, Petronilha Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes, bem como, com o grupo de mulheres pesquisadoras negras do MAE, Ana Paula Fontoura Pinto, Ynara Maidana de Vargas Farias, Érica Cilene dos Santos Cardos e eu, como pesquisadora, professora negra e Coordenadora do curso, consolidou a necessidade de reivindicarmos nosso lugar de fala como intelectualidades raciais e de gênero nas diferentes esferas da sociedade.

Imbricadas por esses diálogos, tivemos uma reconexão com as dimensões operacionais da mãe África (momentos marcantes durante o curso), cujo pertencimento e enraizamento do que foi, por muito tempo silenciado e negado, despertou em umas e solidificou em outras, o importante protagonismo que temos, enquanto mulher negra e professora. Esse protagonismo, implica necessariamente quando nos posicionamos de forma diferenciada nos grupos sociais e, na escola principalmente, pois lá é o lugar onde uma professora negra tem um papel de destaque, é uma figura de poder.

Esta pesquisa fomentou neste grupo de mulheres negras a concepção de que são professoras com pertinência racial, portadoras de cultura e suas ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula interferem na constituição da identidade dos alunos. Espero, dessa forma, que nas escolas em que as professoras negras atuam consigam avançar em relação à realidade social diante do racismo estrutural existente e que possam levar a ideia de que o processo educacional é permeado por dimensões estruturadas e conhecimentos acerca das diferentes identidades, a diversidade, a cultura e as relações raciais.

Nos trechos retirados das cartas escritas pelas professoras negras, há vários relatos que confirmam a influência de suas experiências de vida nas práticas pedagógicas descritas. Porque isso acontece? Por que não podemos anular nossa cor, nossas origens, quem somos, de onde viemos, nossa cultura e identidade. Acredito que a Pretagogia vem alicerçar a pedagogia antirracista com uma ferramenta de valorização do pertencimento negro vislumbrando novos caminhos e novas e realidades para os alunos negros e não negros.

Somos professoras negras que enfrentam e superam diariamente as barreiras sociais impostas para dificultar, coibir e desqualificar nossa história enquanto povo diaspórico que inegavelmente possui um papel histórico, social e político na construção desta sociedade racista que vivenciamos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ceila Sales. **Feminismo Negro: luta por reconhecimento da mulher negra no Brasil**. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

BAGÉ, Lei Municipal nº 3.938, de 23 de setembro de 2002. **Reserva de 20% (vinte por cento) das vagas aos concursos públicos municipais para descendentes afros**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/b/bage/lei-ordinaria/2002/394/3938/lei-ordinaria-n-3938-2002-reserva-de-20-vinte-por-cento-das-vagas-aos-concursos-publicos-municipais-para-descendentes-afros>  
Acesso em: 05 fev. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaia, 2020.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2021. p. 141-160.

COLEMAN, Sandra R. **Mulheres negras brasileiras: presença e poder da exposição ao livro**. Curitiba: CRV, 2020.

COSTA, Juliana. **Corpo-África**. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (org.). Cadernos Negros n. 39. São Paulo: Quilombhoje, 2016. p. 194.

DALTO, Darlene. **Mulheres Negras Importam**. Versão e-Book Kindle, 2022. Disponível em: <https://amz.onl/hZjZ75O> Acesso em: 28 jan. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto**. Educação e Pesquisa, v.32, n.2. São Paulo: maio/ago. 2006, p. 359-371.

EVARISTO, Conceição. **Vozes – mulheres**. Poemas da recordação e outros movimentos, 2008. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/escritoras-negras/>  
Acesso em: 19 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivência e seus subtexto**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 27-54.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e cotidiano escolar**. In: FELDMANN, Marina Graziela (org.). Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2009. p. 73-96

FINCH, Charles S. NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abordagem Afrocentrada, história e evolução**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 37-69.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Sabotagem Revolt (obras livres). Ano publicação 1996. Ano digitação 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lucia de Souza. **Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior**. Revista Docência do Ensino Superior. v, 11, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283/28907> Acesso em: 15 jul. 2022.

FREITAS, Ana Lucia de Souza. **Carta sobre Cartas Pedagógicas: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento**. Cadernos de Educação, n. 65, 2021. p. 1-14. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/22096/13841> Acesso em: 25 jan. 2023.

GAIO, Adriana. PAULO, Fernanda dos Santos. **Educação Popular nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: temas, ideias e sujeitos**. In: PAULO, Fernanda dos Santos. DICKMANN, Ivo (orgs.). Cartas Pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na Educação Popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. p. 73-85.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 83-96.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. ALETRIA, 2002, p 38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912/14702> Acesso em: 23 jul. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Silva, Petronilha B. Gonçalves. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional.** In: NÓVOA, António (org.). Vida de professores. Editora: Porto, Porto, 2013. p. 63-78

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2023.** Brasília: Inep, 2024. Disponível em:  
[https://download.inep.gov.br/dados\\_abertos/sinopses\\_estatisticas/sinopses\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2023.zip](https://download.inep.gov.br/dados_abertos/sinopses_estatisticas/sinopses_estatisticas_censo_escolar_2023.zip) Acesso em 05 fev. 2024

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.** Educa e autora, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. - 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução: João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, nº 19. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 25 jul. 2022.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana.** São Paulo: Selo Negro, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio da pesquisa social.** In: DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26. ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 8-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta.** In: DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 61-77

MORAES, Eunice Léa. **Educação Libertadora e Feminismo Negro: uma teia conceitual de resistência à interseccionalidade das opressões de gênero, de raça e de classe.** Curitiba: CRV, 2021.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces.** Ciência & Educação, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRqv3mcXHBWSXB/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 22 jul. 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

MOTT, Luiz. LIMA, Solimar Oliveira. **Esperança Garcia**. *In*: GOMES, Flávio. LAURIANO, Jaime. SCHWARCZ, Lilia. **Enciclopédia negra**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2021. p. 188

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos / Kabengele Munanga**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida**. *In*: NÓVOA, António (org.). Vida de professores. Editora: Porto, Porto, 2013. p. 11-30.

OLIVEIRA, Fernanda. **Luciana Lealdina de Araújo e Maria Helena Vargas da Silveira: história de mulheres negras no pós-abolição do sul do Brasil**. Niterói: Eduff, 2020.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia - Pertencimento, Corpo-Dança, Afroancestral e Tradição oral Africana na Formação de Professoras e Professores**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaia, 2021.

ROMÃO, Jeruse. **O educador, a educação e a construção de uma autoestima positiva no educando negro**. *In*: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2021. p. 161-178.

SANTOS, Isabel Aparecida. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. *In*: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2021. p. 97-113.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A Pesquisa Científica**. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo.(org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Negritude, letramento e uso social da oralidade.** *In*: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2021. p. 179-194.

SOUZA, Maria Goreti da Silva. CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores.** Horizontes, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez, 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149> Acesso em: 15 ago. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação** – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2022.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

## **APÊNDICE A - FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O CURSO DE EXTENSÃO**

O curso de extensão "Pretagogia": construção de saberes na perspectiva do reconhecimento e da valorização da história e da cultura afro-brasileira e africana tem como objetivo promover o debate sobre a abordagem metodológica Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores da autora Sandra Haydée Petit.

Propõe-se também, o planejamento e execução de novas metodologias visando melhorias no processo ensino-aprendizagem da educação das relações étnico-raciais além de fomentar propostas de intervenção metodológica na área da educação étnico-racial para fomentar o ensino das africanidades ao planejar e implementar estratégias pedagógicas visando a implementação da lei 10.639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da cultura e história africana e afrodescendente nas escolas públicas.

### **ETAPAS DO CURSO**

Inscrições: 06/11 a 17/11

Modalidade: online com encontros síncronos, via Google Meet.

Carga horária - certificação: 20h

Cronograma dos encontros:

Dias 22/11, 23/11, 24/11 e 1/12 às 19h (encontros síncronos, via Google Meet).

### **EIXOS TEMÁTICOS**

Eixo temático 1: Saberes profissionais na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana na escola. Políticas educacionais para a diversidade nos currículos e na formação dos professores.

Eixo temático 2: Pretagogia - abordagem metodológica, conceitos operatórios, dimensões operacionais e marcadores de africanidades.

Eixo temático 3: Cartas Pedagógicas - as Provoc-ações como um exercício freireano na busca pela compreensão, construção e o respeito das experiências das professoras negras no âmbito da formação docente. Oficina - Escrita de cartas pedagógicas - ministrada pela Profª Dra. Ana Cristina Rodrigues da Silva.

Eixo temático 4: O protagonismo imbricado às vivências das professoras pretas atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas municipais da

cidade de BagéRS. Encerramento do curso - informes sobre a avaliação, Certificação e disponibilização do material de apoio.

Outras informações entre em contato:

Débora Rocha da Silva - Formadora

deborarocha146@gmail.com

(53)99910-4926

E-mail:

Nome completo:

CPF (para certificação):

Telefone (whatsapp):

Idade:

Formação inicial:

Ensino Médio (modalidade normal)

Licenciatura em Pedagogia

Outra Licenciatura

Sua Formação Inicial foi em:

Instituição Pública

Instituição Privada

Instituição Privada (com bolsa de estudo)

Formação Continuada (maior titulação)

Especialização

Mestrado

Doutorado

Escola em que atua:

Tempo de atuação na docência:

00 a 05 anos

05 a 10 anos

10 a 15 anos

mais de 15 anos

Qual a sua motivação para se inscrever no curso?

Registre aqui sua pergunta/comentário/sugestão.

**APÊNDICE B – AVALIAÇÃO DO CURSO DE EXTENSÃO**

E-mail:

Nome completo:

De modo geral avalie o evento:

- Plenamente satisfatório
- Satisfatório
- Totalmente insatisfatório

Quanto a divulgação:

- Plenamente satisfatório
- Satisfatório
- Totalmente insatisfatório

Em relação a organização:

- Plenamente satisfatório
- Satisfatório
- Totalmente insatisfatório

Quanto a dinâmica no desenvolvimento das etapas do curso:

- Plenamente satisfatório
- Satisfatório
- Totalmente insatisfatório

Em relação ao tema abordado:

- Plenamente satisfatório
- Satisfatório
- Totalmente insatisfatório

Em relação a motivação inicial para a participação no curso:

- O curso superou as expectativas
- O curso superou as expectativas em parte
- O curso não superou as expectativas

Gostaria de enviar algum comentário/consideração/sugestão à organização do curso? Se sim, digite aqui.

## **APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Prezada professora, meu nome é Débora Rocha da Silva e estou realizando a pesquisa acadêmica aplicada sobre o tema, a influência das narrativas das professoras pretas na sua prática pedagógica. Esta pesquisa é parte integrante da minha dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Federal do Pampa, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina da Silva Rodrigues.

As informações a seguir destinam-se a convidá-la a participar voluntariamente deste projeto na condição de fonte, ou seja, o sujeito que fornece as informações para a pesquisa em curso. Para tanto, é necessário formalizarmos a sua autorização para o uso das informações obtidas nos seguintes termos:

A sua participação é totalmente voluntária e consiste em participar de uma atividade de produção de cartas pedagógicas e responder dois questionários elaborados com perguntas abertas e fechadas, com o aporte da orientadora.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF. Possíveis riscos e desconfortos podem ser gerados durante a pesquisa como: possibilidade de constrangimento ao responder os instrumentos de coleta de dados, medo de não saber responder ou de ser identificado, cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante as gravações de vídeo; alteração na autoestima provocadas pela evocação de memórias ao produzir as cartas pedagógicas; Você poderá se recusar a responder qualquer pergunta, a qualquer momento; Poderá se retirar da pesquisa no momento da coleta de dados e dá-la por encerrada a qualquer momento.

A coleta de dados tem caráter confidencial e seus dados estarão disponíveis somente para a pesquisadora, autora da dissertação e sua orientadora; Partes do que for dito poderão ser usados no trabalho final da pesquisa, sem, entretanto, revelar os dados pessoais dos entrevistados como nome, telefone, etc. Dessa forma, as informações obtidas não serão divulgadas para que não seja possível identificar a entrevistada, assim como não será permitido o acesso a terceiros, garantindo proteção contra qualquer tipo de discriminação ou estigmatização.

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Os dados e resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em congressos, publicados em revistas especializadas e da mídia e utilizados na dissertação de mestrado, preservando sempre a identidade das participantes; Fica também, evidenciado que a participante é isenta de despesas;

Se desejar, você poderá receber uma cópia dos resultados da pesquisa, bastando assinalar abaixo essa opção:

Sim, desejo receber uma cópia do trabalho final.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, se requer o uso de produções escritas (cartas pedagógicas) dos sujeitos pesquisados, por isso, você deverá assinalar que concorda ou não concorda com a divulgação de escrita em ambientes midiáticos ou em ambientes científicos como congressos, conferências, aulas, ou revistas científicas. Salienta-se que seus dados pessoais não serão fornecidos.

SIM, concordo com a cessão de minhas produções escritas por livre e espontânea vontade.

NÃO, o uso de minhas imagens em forma de vídeos ou fotos não é permitida.

Diante disso, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido foi lido, formalizando o consentimento voluntário de participante.

Concordo com os termos e aceita participar da pesquisa.

Não concordo com os termos e não aceito participar da pesquisa.

Você se auto declara:

Mulher branca

Mulher preta

Mulher parda

Mulher amarela

Mulher indígena

Você participa/participou de algum tipo de movimento feminista?

Sim

Não

É fato que o feminismo negro ou movimento de mulheres negras, dentro das lutas feministas, foi responsável pelo resgate conceitual e ressignificação do empoderamento da mulher negra. Tendo como fator limítrofe a permanência na base da pirâmide social, esse resgate mostra-se fundamental para nossa movimentação na luta pela quebra da formação hegemônica dessa pirâmide.

Considerando essa afirmativa, para você, o movimento feminista negro teve e/ou tem um papel importante na luta pelos direitos sociais, políticos e culturais da mulher negra no Brasil?

- Sim
- Não
- Em parte

O empoderamento é a continuidade do processo que garantirá que essa existência pleiteada e eficiente nas ações para a emancipação possível de mulheres negras e de outros sujeitos sociais oprimidos. (BERTH, 2020, p.)

Você concorda com a afirmativa da autora?

- Sim
- Não
- Em parte

De acordo com Wlamyra Albuquerque, a escravidão foi muito mais do que um sistema econômico, ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. Foi a partir dela que se iniciou a instituição dos lugares onde os indivíduos deveriam ocupar na sociedade, determinando, dessa forma, quem mandava e quem devia obedecer. “Podemos dizer também que se instituiu a sociedade racista, na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres, eram tratados como “inferiores” aos brancos europeus ou nascidos no Brasil”. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 68)

Você considera que o racismo estrutural está presente na vivência das professoras negras que atuam nos anos iniciais na rede pública Municipal no município de Bagé?

- Sim
- Não
- Em parte

Cite alguns pontos que argumentem sua resposta.

Considerando a temática proposta no curso, você considera que a abordagem metodológica "Pretagogia" pode ser utilizada como ferramenta pedagógica antirracista na atuação pedagógica em sala de aula?

Sim

Não

Em parte

Cite alguns pontos que argumentem sua resposta.

Para Petit (2015, p. 153), “a Pretagogia exige um mergulho dentro de si, para falar na primeira pessoa, de seu lugar, mas sobretudo, dos marcadores culturais africanos e afrodiaspóricos, esses últimos coletivos e absolutamente inegáveis”.

Para você, esses marcadores estão presentes no cotidiano escolar?

Sim

Não

Em parte

Cite alguns pontos que argumentem sua resposta.

## APÊNDICE D – CONVITE PARA A ESCRITA DA CARTA PEDAGÓGICA



Prezada professora,

A proposta da pesquisa intitulada “Pretagogia”: vivências de narrativas de mulheres negras na docência propõe a discussão sobre as possibilidades de construção de saberes e vivências na perspectiva do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula.

Para isso, te convido a produzir uma carta pedagógica cuja temática aborda a necessidade de nós afrodiáspóricos aceitarmos nossa herança africana como parte do processo de resgate da identidade coletiva, proponho como tema para sua escrita um diálogo imbricado por teus olhares, opiniões, histórias de vida, práticas sociais e experiências como professora negra que atua na educação básica.

Antes de começares a tua carta, trago algumas informações sobre este gênero que nos liga intimamente a Paulo Freire:

- **Carta Pedagógica:** De acordo com Ana Lúcia Freitas (2021), a Carta Pedagógica assume o diálogo através da provocação, reconhecendo que a experiência de dizer a sua palavra, assim como a de saber escutar, é produto e produtora das ações crítico-reflexivas compartilhadas. Os elementos que a constituem incluem os que caracterizam o gênero carta (data, local, destinatário, mensagem), mais os aspectos pedagógicos específicos relacionados a cada contexto de proposição da escrita (o que pretendemos deixar como reflexão sobre o tema que abordamos na escrita), sem perder de vista o sentido político a que se destinam.

Agora é contigo, desejo uma boa escrita e deixe que a chama da Mãe África reascenda na tua alma através das vivências enquanto mulher e professora negra. Tenha a certeza que as tuas experiências terão sua importância social legitimada, tornando-se produto histórico ao serem registradas por meio de evidências na minha dissertação de mestrado.

Abraços fraternos,

Débora!

Inicie a sua escrita ....